

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

GIOVANA CONSORTE DE SOUZA

**O “EU CORPO” COMO DANÇARINO:
PARTITURAS DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM MOVIMENTO**

**RIO GRANDE, RS
2013**

GIOVANA CONSORTE DE SOUZA

**O “EU CORPO” COMO DANÇARINO:
PARTITURAS DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM MOVIMENTO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Ambiental, na linha de pesquisa Educação Ambiental Não Formal.

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues.

**RIO GRANDE, RS
2013**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues
(Orientador – PPGEA – FURG)

Prof.^a Dr.^a Mônica Fagundes Dantas
(Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Elisabeth Brandão Schmidt
(Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - FURG)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à dança cósmica por trazer-me de volta à minha cidade quase natal e permitir que meu caminho enveredasse em direção a estas linhas.

Agradeço ao meu (dês)orientador, Victor Hugo e à sua querida Rachel, pela paciência, conselhos e sopro de vida quando o cansaço tão logo batia à porta.

À banca examinadora pela paciência e pela disponibilidade em considerar estes escritos.

Às queridas Tania Vigoritto e Élie Oliveira pelo apoio no momento da lapidação do texto.

Ao inestimável apoio do professor Alfredo Martin nos momentos escuros da jornada.

A todos aqueles “Terpsicolinos” ou “Garatujos” que me deram belas lições de vida e, cujos sorrisos estampam minha coleção de memórias.

A todos aqueles que, em algum momento, deram força ou participaram, direta ou indiretamente desta caminhada.



Figura 1
- Agradecimento do Espetáculo What IF do projeto Garatuja Dançada. Foto: Alunos do projeto Garatuja, 2012.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é pesquisar formas de despertar sonhos felizes a partir da dança, enquanto possibilidade de fomentar saúde e felicidade nos sujeitos envolvidos. Explicitando algumas relações possíveis entre Dança e Educação Ambiental. Tem como questão principal de pesquisa estabelecer como essas duas áreas tornam-se reciprocamente uma a outra, não qualquer Dança, não qualquer Educação Ambiental, mas um movimento singular que entrelaça duas grandezas complexas. Esta proposta justifica-se pelo fato de até hoje não ter sido estabelecida esta relação dentro das pesquisas em Educação Ambiental, tampouco nas pesquisas sobre Dança. Elas não devem ser entendidas como sinônimos, porque de fato não o são, mas podem vir a ser se à proposta for empregado o devido cuidado. Este trabalho justifica-se também pelo fato de ser a dança um formato, uma fuga, uma possibilidade de existência. Penso e sinto a dança sob pelo menos três perspectivas diversas, quais sejam: dançarina, educadora e professora de Educação Física. Enquanto dançarina percebo a dança tal qual possibilidade de transcendência, algo que flui com naturalidade, não precisa de um grande processo de planejamento. Sinto-me bem. Sinto-me em casa. E percebo a felicidade dos meus alunos em diferentes níveis, nos mais diversos momentos. Quando acertam uma sequência, quando criam um movimento ou constroem uma postura, quando se desafiam sobre o palco e experimentam a sensação de sentirem-se vencedores. Na condição de educadora percebo o crescimento pessoal de cada um, porque entendo a educação como transformação e Educação Ambiental é perceber o todo, construir o conjunto, solidarizar-se, despertando sonhos felizes e nutrido saúde nos demais pares que desenham o mundo. Na prática de professora de Educação Física insiro a dança nas aulas desde sempre, por entender a importância da dança na construção de outros formatos de territórios existenciais. Inicialmente a pesquisa seria desenvolvida junto ao Projeto de dança Terpsícore da FURG. Porém ela seguiu por outro curso, qual seja: 1. Revisão Bibliográfica; 2. Criação de um projeto de extensão dentro do Instituto de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul; 3. Coleta de dados a partir das impressões publicadas na rede social facebook, pelos sujeitos envolvidos; 4. A escrita do trabalho como tessitura e dança. A metodologia deste trabalho está baseada na Educação Estética Onírica, que tem como registros principais: a. Relato autobiográfico; b. Um projeto de extensão de inserção social cujos resultados sejam a matéria prima para a pesquisa; c. Despertar sonhos felizes dos sujeitos pesquisados e, conseqüentemente, do pesquisador; d. Expressar essa possibilidade num trabalho acadêmico, neste caso em uma Dissertação de Mestrado. Quanto às repercussões deste trabalho na vida dos sujeitos pesquisados são infinitas, porque durante toda a tessitura da pesquisa construímos juntos novas visões de mundo e possibilidades, de modo que as lembranças felizes deste tempo se manifestam para além do período compreendido nestas linhas. Sei que eles jamais esquecerão os efeitos que a dança como Educação Estética Onírica significou em suas vidas, o que para mim é a verdadeira Educação Ambiental.

Palavras-Chave: Sonhos Felizes Dança, Educação Ambiental, Educação Estética Onírica.

ABSTRACT

This work aims to search forms to rouse in people the urge for building happy dreams through dance, as a possibility of encouraging health and happiness to all participants involved and to explicit some possible relationships between dance and Environmental Education – Its main research question became how these two areas become mutual. Not just any dance, not any Environmental Education, but a singular movement that intertwines these two complex branches. This proposal is justified by the fact that until now have not been established this relationship of research in environmental education, either in research on dance. They should not be understood as synonymous, because in fact they are not, but they are likely to be seen as similar if properly and carefully proposed. This work is justified by the fact that the dance could be a format, an escape, and a possibility of existence. I think and feel the dance in at least three different perspectives: as a Dancer, as an Educator and as a Physical Education teacher. As a Dancer I see dance as possibility of transcendence, as something that flows naturally, not needing any big planning process. I feel good. I feel at home. And I realize the happiness of my students at different levels, in the most distinct moments. When they perform a maneuver, when they create a movement or build a stance, when they are challenged on the stage and experience the sensation of feeling winners. As an educator I see the personal growth of each student, because I understand Education as transformation. And Environmental Education is to understand the whole, build the set, awakening happy dreams and nurturing health in other pairs that draw the world. As a Physical Education teacher I have always inserted dance in classes, for understanding the importance of dance to the construction of other possibilities of existential territory formats. Initially the research would be developed in the Project dance Terpsichore FURG. But she followed by another course, namely: 1. Literature Review; 2. Creating a project extension within the Institute of Science and Technology of Rio Grande do Sul; 3. Collecting data from the impressions published on the social network Facebook, by the subjects involved; 4. Writing the work like dance. The methodology of this work is based on the Aesthetic Education Dream, which main records are: a. autobiographical report b. an extension project of social inclusion having the raw material for research as a result, c. to rouse happy dreams in the studied party and therefore in the researcher d. to express this possibility in a scholarly work, in this case a dissertation. About the impact of this work on the lives of the individuals surveyed, it is endless, because during the entire construction of this new research we built together worldviews and possibilities, so that the happy memories of this period are manifested beyond these time lines. I know they will never forget the effects that dance as Aesthetic Education Dream meant in their lives, which to me is the true Environmental Education.

Keywords: Happy Dreams, Dance, Environmental Education, Aesthetic Education Dream.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Agradecimento do Espetáculo What IF do projeto Garatuja em 2012.....	4
FIGURA 2 – Eu em dança solo no espetáculo Flor&Ser em 2010.....	24
FIGURA 3 – Eu como aldeã nos bastidores de “A Bela Adormecida” em 1996 ...	26
FIGURA 4 – Eu em <i>arabesque</i> nas oficinas do Bento em Dança em 1998.....	27
FIGURA 5 – Eu como Afrodite no espetáculo “Fragmentos da Mitologia Grega” do CTI em 2002.....	28
FIGURA 6 – Juliana Ruiz integrante do Terpsícore – Grupo de Dança da FURG como <i>Loucura</i> no espetáculo “Retrato de Um Homem Só” em 2006.....	32
FIGURA 7 – Integrantes do projeto Terpsícore em ensaio e apresentação do espetáculo Retrato de Um Homem Só em 2006.....	39
FIGURA 8 - Eu em dança solo “Ribalta” em 2009.....	53
FIGURA 9 – Silhueta em ensaio do projeto Terpsícore para o espetáculo “Sobre poemas, órbitas e mulheres” em 2010.....	54
FIGURA 10 – Bastidores da apresentação de Retrato de Um Homem Só por Terpsícore em 2007.....	60
FIGURA 11 – Projeto Garatuja Dançada em Inexorável Colorido no 10º Dança Bagé em 2012.....	68
FIGURA 12 – Karina Rodrigues integrante do projeto Garatuja Dançada na apresentação do espetáculo “What IF?” em 2012.....	73
FIGURA 13 – Lariane Barcelos integrante do projeto Garatuja Dançada na apresentação do espetáculo “What IF?” em 2012.....	74
FIGURA 14– Kasue Finato e Je Nam Jum Jr integrantes do projeto Garatuja Dançada na apresentação do espetáculo “What IF?” em 2012.....	78
FIGURAS 15 a 21 – Imagens retiradas da rede social Facebook.....	88
	94
FIGURA 22 – Logotipo da Estação Cultural <i>Le Moulin</i> criada em 2013.....	95

SUMÁRIO

ABRINDO AS CORTINAS.....	12
ATO I - POR QUE DANÇAR EM PAPEL E TINTA.....	25
Cena I – Canção para uma valsa lenta.....	25
Cena II – O encontro.....	32
ATO II – À SOMBRA DA DANÇA.....	40
Cena I – Compreensão dançarina.....	40
Cena II – Desvendando a teia de significados.....	42
ATO III - REFLEXÕES EM MOVIMENTO: constituição da educadora ambiental.....	54
ATO IV – A DANÇA DO PROCESSO.....	69
Cena I – Construindo caminhos.....	69
Cena II – Improvisando dados dançantes.....	73
FECHANDO AS CORTINAS.....	87
REFERÊNCIAS.....	97

Em verdade, eu também aprendi, e a fundo, a esperar – mas somente a esperar por mim. E, acima de tudo, aprendi a ficar em pé e correr e pular e subir e dançar. Mas essa é minha doutrina: quem quiser, algum dia, aprender a voar deverá, antes, saber ficar em pé e caminhar e correr e subir e dançar. Não se voa à primeira.

(NIETZSCHE, ZA – Do espírito de gravidade, p.201)

ABRINDO AS CORTINAS

Escrever. Uma simples palavra que, na ação, expressa processos em que vários sentimentos se misturam. Vivenciei o processo da escrita a cada momento, concomitante com o *tornar-me* educadora ambiental: a minha Educação Ambiental dança, através de mim e para além de mim, no intuito de compartilhar com os demais pares do mundo a sensação do viver dançando.

Em movimento, perdemos a possibilidade de racionalizar uma única perspectiva. Quando percebemos um ponto de análise, ele se move, se transforma, espiralando no espaço para além da compreensão do que estava a acontecer. Esse fenômeno ocorre porque a dança da vida não deve ser racionalizada, ela está posta a todo o momento para ser sentida.

O objetivo deste trabalho é despertar sonhos felizes a partir da dança, como forma de produzir saúde e felicidade, explicitando algumas relações possíveis entre Dança e Educação Ambiental. e, como essas duas áreas tornam-se reciprocamente uma a outra. Não qualquer Dança, não qualquer Educação Ambiental, mas um movimento singular que entrelaça essas duas grandezas complexas. Elas não devem ser entendidas como sinônimos, porque de fato não o são, mas podem vir a ser se, à proposta, for emprestado o devido cuidado.

Este trabalho justifica-se pelo fato de ser a dança um formato, uma fuga, uma possibilidade de existência. Penso e sinto a dança sob pelo menos três perspectivas quais sejam: como dançarina, como educadora e como professora de Educação Física. Como dançarina percebo a dança na possibilidade de transcendência, como algo que flui com naturalidade, que não precisa de um grande processo de planejamento. Sinto-me bem. Sinto-me em casa. E percebo a felicidade dos meus alunos quando acertam uma sequência, quando criam um movimento ou constroem uma postura, quando se desafiam sobre o palco e experimentam a sensação de sentirem-se vencedores, nos mais diversos momentos.

Como educadora percebo o crescimento pessoal de cada um, porque entendo a educação como transformação e Educação Ambiental é perceber o todo, construir o conjunto, solidarizar-se com os demais pares que desenham o mundo.

Como professora de Educação Física insiro a dança nas aulas desde sempre, por entender a importância da dança na construção de outros formatos de territórios existenciais. Percebo também na reação dos meus colegas, professores de Educação Física, quando relato minhas experiências, e sinto estar numa zona complicada, porque não parece Educação Física quando convido meus colegas professores de Educação Física para participarem de uma aula, ainda que como expectadores, obtendo a promessa vaga de uma visita qualquer hora, embora o “qualquer hora” nunca chegue. O mesmo ocorre com os ensaios e apresentações, quando divido uma disciplina com outro professor e ele jamais se faz presente nas aulas ou na apresentação dos resultados expressivos oriundos delas.

A metodologia deste trabalho está baseada na Educação Estética Onírica e tem como registros principais: a) relato autobiográfico; b) um projeto de extensão de inserção social cujos resultados sejam a matéria prima para a pesquisa; c) despertar sonhos felizes nos sujeitos pesquisados e, conseqüentemente, no pesquisador; d) expressar essa possibilidade num trabalho acadêmico, neste caso em uma dissertação de Mestrado.

Quanto às repercussões deste trabalho na vida dos sujeitos pesquisados são infinitas, porque durante toda a tessitura da pesquisa construímos juntos novas visões de mundo e possibilidade, de modo que as lembranças felizes deste tempo se manifestem para além do período compreendido nestas linhas. Sei que eles jamais esquecerão os efeitos que a dança como Educação Estética Onírica significaram em suas vidas, o que, no meu entender, é a verdadeira Educação Ambiental.

Quando reflito um pouco sobre Educação Ambiental direciono meus esforços ao sujeito. Aquele responsável pela construção dessa mudança, o sujeito comum, sem grandes habilidades ou talentos especiais. Um sujeito simples, como eu ou você, dentro de todas aquelas microintervenções pelas quais podemos ser responsáveis em nosso cotidiano. Para poder intervir positivamente nesse ambiente que me cerca, preciso entender e me relacionar diretamente com esse ambiente que me dá forma, meu ambiente interno. Não acredito ser possível intervir profundamente no ambiente que nos rodeia se, a respeito de nós mesmos, pouco

sabemos. Fomos acostumados a negar nossos corpos, nossos sentimentos e nossas intuições, em busca de uma cientificidade aleijada como paradigma. Contudo, nas últimas décadas, alguns autores tem ousado propor uma filosofia da educação centrada na busca de um equilíbrio entre as dimensões emocional-afetiva e lógico-racional dos sujeitos: a educação holística.

Segundo Hutchinson (2000),

a visão holística da educação surge dentro do contexto da filosofia perene, que apresenta uma visão ecológica do mundo. A partir da perspectiva holística, todos os fenômenos na natureza são vistos como interconectados em um universo interdependente. (HUTCHINSON *apud* YUS 2002, p.19)

Nós, seres humanos, somos parte deste universo e acredito que uma de nossas falhas nela ampla relação, seja a negação de nossa própria morada: o corpo que nos constitui. Entendendo aqui corpo em todas as suas dimensões: material, intelectual, social, emocional, física, espiritual, artística e criativa. Desta forma, procuro me aventurar nesta jornada de significação deste “Eu-Corpo” que me constitui e que media as interpelações entre consciência individual e consciência ambiental. E, para que não me canse nesse caminho, dançarei o percurso. Convido-te então, a dançar comigo, ao ler estes rabiscos e sempre que ouvires o chamado do teu corpo.

Estou começando uma nova jornada, na construção de uma Educação Ambiental em busca da possibilidade. Uma possibilidade que não se esgota em tinta e papel, mas que tridimensionalmente ganha forma e som, multiplicando a experiência de constituir a Educação Ambiental através do centro dela. Sou todo corpo, sou ambiente interno, sou meio ambiente em cada pulsar do meu coração. Sou parte incomparável do sistema dinâmico do universo. Posso perceber isso enquanto me *explicito* como corpo que dança, mas também quando a dança se faz silenciosa dentro de mim. Torno-me um “Eu Corpo” que é todo movimento. A partir do momento em que abandono a visão cartesiana de realidade e inicio um caminhar holístico, faço da dança a guia da expressividade de cada movimento, conferindo significado a cada traço dinâmico que me envolve ao longo de um novo dia. E através desta experiência posso iniciar a imersão que me leva a uma Educação Ambiental que dança.

Dançar é em si mais do que um processo biodinâmico de um corpo ritmado. Dançar em sua gênese é se conectar com o universo. Somos formados pela mesma matéria original da qual são constituídas as estrelas, e quando dançamos em

plenitude, nos colocamos como que em contato com todos esses nossos pares do universo através do ritmo de nosso movimento. Se na natureza *nada se perde, tudo se transforma*, direciono meu olhar para matéria e partículas; ou ainda se, - *do pó viestes ao pó voltarás* - coloco-me a perceber as semelhanças entre ciência e religião quando escrevo que a matéria que me constitui hoje, já constituiu outras formas de vida e, certamente ainda constituirá tantas outras quando eu deixar de existir. As moléculas de carbono que me dão forma, o fazem com um sem fim de outras vidas, ao ponto que nos tornamos imortais em nossos pares, em nossa matéria original. E mais do que isso, partilhamos da sensação de imortalidade quando nos conectamos através do movimento, quando a dança alcança um ritmo próprio, vibrando em um uníssono com os demais pares em movimento. Segundo Graham *apud* Garaudy (1980, p. 94), *a dança tem sua origem no rito, esta eterna aspiração à imortalidade*.

O tempo é um conceito chave para se pensar dança. Quando dançamos, somos tomados por um tempo *aiônico*, por outra experiência. Nossa civilização baseada em um relógio – fragmentada e frenética - se guia pelo tempo de *Cronos*, dividindo dias em horas, horas em minutos e assim sucessivamente. Basear nossas reflexões neste postulado significa dizer que todos os minutos tem precisamente a duração de 60 segundos, independentemente de qualquer fator externo. Verificando ou não, ele se passará da mesma maneira.

Deleuze nos apresenta a possibilidade de refletirmos a existência de um tempo alternativo, que considere sua incidência de outra maneira, ele nos apresenta: *Aion*. Desvela-se então uma outra possibilidade de temporalidade. Não pretende substituir *Cronos* e suas referências espaço-temporais, mas sim apresentar um não tempo, uma suspensão da cronologia que percebemos. Explicita então uma multiplicidade temporal, um tempo de acontecimento, que não se repete. Cada acontecimento é único e contém em si uma temporalidade singular. Quando há uma suspensão do tempo que conhecemos, somos roubados por uma nova experiência, uma vivência do acontecimento em seu próprio ritmo, uma dança.

É preciso devolver o tempo ao tempo. Estamos freneticamente roubando tempo de nós mesmos para entregá-lo a outras coisas – ao cotidiano, ao trabalho, às reclamações – e esquecemos-nos de resguardar o tempo do tempo. Constantemente nos preocupamos com o futuro, correndo para economizar o tempo nas tarefas diárias, fazendo planos para um tempo que há de vir. Mas, e o agora?

Essa brecha no tempo que dura exatamente um instante. Esse pequeno pedacinho invisível de existência que une o passado ao futuro – o presente – que nos acostumamos a ver escorrer entre os dedos enquanto pensamos o que vai ser do daqui a pouco. Esse pequeno intervalo é o arauto de uma vida inteira, que está para ser construída a partir do momento em que nos damos conta de que vivemos em um tempo que não existe.

Em consonância com os pensamentos de Rudolph Laban que acreditava na universalidade do movimento, tomo o entendimento de que as relações naturais nos diferentes níveis do universo são, na amálgama, *núcleos de mudança* em vibração e oscilação, composição e decomposição, fluxo e ritmo, dentro e fora. Convido-te a dançar em busca da experiência do movimento, do retorno à origem.

Segundo Garaudy (1980), o homem dança desde muito tempo, todos os momentos solenes de sua existência. Entendendo que os grandes feitos vêm acompanhados de diferentes vibrações de corpo. Podemos encontrar na dança a possibilidade de cadenciar essa vibração corpórea, através de um ritmo mais orgânico que nos conecta com a vibração da totalidade, elevando o Eu Corpo que dança a um estado puro de fluxo.

Refletindo a partir das ideias de David Bohm (1987) entendo que a dança pode ser um elemento mediador entre a relação de movimento e as coisas – como a coexistência de diferentes sistemas dinâmicos compondo a realidade que percebemos – e a fluência do movimento como um todo – quando abandonamos nossa consciência individual e alcançamos o estado de fluxo. Ritmo pessoal em consonância com o ritmo não só do ambiente como o percebemos, senão com o de todas as possibilidades de composição e concepção desta realidade.

Toda essa possibilidade de entendimento de ambiente me foi apresentada pelo paradigma holístico que sustenta essa percepção de Educação Ambiental. À luz desse novo paradigma é possível reestabelecer a unidade entre matéria, vida e mente, historicamente fragmentada na visão do paradigma newtoniano-cartesiano de universo.

A dança pode ser um dos caminhos a serem trilhados como possibilidade de reestabelecimento desta percepção unívoca da realidade, através da experiência livre de movimento, caminho pelo qual podemos alcançar o estado de criatividade fluida, o próprio fluxo de movimento.

David Bohm (1987) propõe dentre suas teorias algo que caracteriza como *holomovimento*, que pode ser discutido enquanto movimento de toda matéria em termos de “envolvimento” e “não-envolvimento” ou mesmo “explicitação” e “implicação” que são entendidos enquanto fenômenos característicos e complementares. Acredito que quando alcançamos o estado de fluxo, nos *explicitamos*, nos *envolvemos* com a natureza, a matéria, a energia.

Ainda segundo Bohm (1987)

As coisas “surgem” quando em situação de não-envolvimento dentro da dinâmica do holomovimento até que encontram um *ponto de mudança* e entram em estado de “envolvimento” – implicação explicitação coexistem em evoluções harmônicas e como totalidade indivisa. Em diferentes graus, todas as coisas do universo estão relacionadas. (grifo nosso)

Penso que a dança possa oferecer possibilidades para encontrar o ponto de mudança e alcançar esse envolvimento/explicação com a totalidade. Esse envolvimento a meu ver nada mais é do que a sensação de pertencimento que nos traz um sentido de plenitude a partir da entrega às experiências com a criatividade fluida do movimento. Desta forma entendo que fazer aproximações entre o movimento da Educação Ambiental e o movimento da dança é trilhar caminhos em busca de um pertencimento. Dançando diferentes possibilidades de se sentir parte desta totalidade que nos cerca e constitui, são alguns dos objetivos da Educação Ambiental que pretendo chamar de minha. Sair em busca de um sem fim de possibilidades de integração entre aquilo que vejo, aquilo que sinto e aquilo que penso.

Para alcançar o estado de fluxo existe uma jornada de autoconhecimento, e essa jornada nos possibilita entender o mundo de uma outra maneira, encontrar diferentes respostas e mais importante, chegar a diferentes perguntas. Proponho fazer esta jornada através da dança. Dança para conhecer o corpo, dança para se conectar com o mundo, dança para despertar sensibilidade, dança para viver positivamente e transformar ambientes

Através do movimento é possível se sentir parte integrante e dinâmica da natureza que nos constitui, pensando em preservar todas as relações complexas que compõem o ambiente que nos rodeia. Enquanto tomamos lugar nessa experiência da dança enfrentamos uma metamorfose, de modo que nossa visão a respeito de contextos naturais e humano ganha nova cores, novas percepções, novos sentimentos.

A possibilidade de Educação Ambiental dançante se torna poesia em movimento e enquanto escrevo estas linhas Drummond me pergunta: “*E agora José? Com a chave na mão quer abrir a porta. Mas não há porta.*” A espiral do movimento da dança rouba-me a porta e me arrebatada as certezas que tinha. Era minha herança racional que tentava, até então, calar meu gigante de vontade, que dança desde que foi desperto e tornado livre. Sou toda corpo, toda ambiente, toda movimento, toda espiral de vontade, que já não cabe em si e transborda para além das margens da matéria viva que me constitui.

A Educação Ambiental busca multiplicadores de uma nova consciência de mundo, para que através de suas intervenções sejam capazes de modificar relações, nos mais diferentes níveis. Para tanto, acredito que uma reconexão interna seja essencialmente o ponto de partida para a formação plena desses sujeitos ambientais. Em virtude disso proponho uma experiência múltipla de desvelamento do *Eu-Corpo* através da criatividade fluida como ponto de mutação para a explicitação do ser na concepção holística da realidade. Refiro-me em experiência múltipla, pois ela conterà em si não só a jornada individual de re-significação do corpo, senão a metamorfose oriunda do estabelecimento de um estado de fluxo podendo ser motivação e resultado de uma nova consciência ambiental.

A partir deste turbilhão de sensações pretendo legitimar a dança possível de alcançar outra dimensão das pessoas, sensibilizando-as, como forma de construir e multiplicar Educação Ambiental. A dança envolve, emociona e contagia, além de ser capaz de transformar olhares e afetos. A Educação Ambiental que gera resultados é aquela que desperta em si a capacidade de envolver, emocionar e contagiar, ou multiplicar. Buscarei uma possibilidade dinâmica que satisfaça o questionamento acerca de que modo a Educação Ambiental através do movimento, através da consciência de si e de seu pertencimento ao ambiente é capaz de influenciar o modo como as pessoas percebem a si mesmas e suas relações com a totalidade do ambiente. Através da experiência de corpo livre, uma espécie de *criatividade fluida* – da qual tratarei mais atentamente adiante – nos *explicitamos* na totalidade do ambiente, na igualdade de nossos pares, alterando não só a relação com o ambiente que nos circunda, bem como toda nossa percepção da realidade. Uma vez alcançada essa criatividade fluida de movimento – ou estado de fluxo – sua repercussão na totalidade do indivíduo é incisiva. Percebendo-se como parte do ambiente, torna-se então mais sensível as questões ambientais, provocando uma

mudança de comportamento gradual, mais decisiva nas cotidianas intervenções no ambiente externo.

Entendendo aqui ambiente externo como algo unívoco que contempla ambiente natural e construído e todas as esferas significantes que formam nossa compreensão da realidade.

Acredito nessa estreita relação entre dança e a Educação Ambiental Holística - EAH, de modo que a dança se torna mais do que um veículo - ponto de mudança – para alcançar a *explicitação*, ressaltando sua importância na sensibilização dos indivíduos para a temática ambiental. Através da dança podemos alcançar o estado de fluxo, enquanto nos tornamos protagonistas de uma experiência que transcende o movimento, em uma projeção tridimensional de diferentes possibilidades de construir EA. Partindo desta proposta pretendo descobrir - através de experiências de criatividade fluida - *qual a forma tridimensional dos discursos que representam alguns diferenciais integrantes da possibilidade de se constituir uma Educação Ambiental integral, holística e possível.*

Apresento a questão de pesquisa e a partir de então saio em busca da sabedoria para aliar à revisão bibliográfica minha experiência de vida na tentativa de desenhar estes processos pelo caminho inverso – do movimento ao traço, do traço à palavra. Este será mais um desafio, concomitante à construção da perspectiva de Educação Ambiental que se movimenta em mim enquanto me constituo a cada novo dia.

Empresta-me teus olhos e dança através de mim, pois hoje acordei invisível, sou toda processo, sou toda palavra, pois o papel não dá conta de mim na velocidade dos movimentos do “Eu Corpo”.

A intenção de aliar Dança a Educação Ambiental se apresenta acompanhada de um grande desafio: escolher a proposta metodológica que auxilie essas ideias a ganharem corpo. É difícil partir para um estudo um tanto quanto às cegas em virtude da falta de referencial teórico específico para o embasamento do tema.

Inicialmente procurei seguir um procedimento metodológico padrão, encontrado nas dissertações de Mestrado do PPGEA, qual seja: a) Revisão bibliográfica; b) Elaboração do roteiro; c) Seleção dos espaços de intervenção; d) Seleção da trilha sonora de apoio; e) Captura dos diários de campo; f) Captura dos vídeos; g) Elaboração da dissertação; h) Análise dos dados; i) Edição do material de vídeo; j) Apresentação dos resultados. Porém, mesmo seguindo à risca tais procedimentos,

um sentimento se impregnou em meu corpo, isto é, me senti perdida. Completamente perdida. Eu que tenho extrema facilidade para me expressar através da dança não conseguia dar sequer meus primeiros passos leves na escrita acadêmica. Continuei assim até que percebi que estar perdida faz parte da metodologia da pesquisa, da pesquisa que o próprio pesquisador faz do seu movimento, do seu envolvimento e do seu processo.

De forma análoga, imaginava compor o texto como se fossem sete cenas. sete cenas: Cena I - delimitação conceitual; Cena II planejamento de ação); Cena III execução da ação e coleta parcial; Cena IV pós-produção; Cena V análise preliminar de dados; Cena VI veiculação e coleta final; Cena VII análise de dados. Este modelo original foi sendo abandonado na medida em que percebi que ele não me impulsionava para o movimento. Tinha ganas de crítica violenta, paralisante, que não me inspirava a prosseguir. Não desmereço a idéia original, só visualizei que não me identificava com o objeto.

Naquela primeira cena, estava em busca de aprofundamento teórico para tratar o paradigma holístico, encontrando aproximações entre aquilo que lia, sentia e pensava. Concentrava-me ainda em entender e delimitar a margem dos conceitos que tinha intuito de corporalizar, aproximando leituras e minha experiência latente de dança. Estava buscando uma forma de traduzir em palavras aquilo que acontece com meu Eu Corpo quando danço, para a posteriori transformar as palavras em movimento e construir uma experiência de criatividade fluida em busca de fluxo, conexão e pertencimento.

Minha segunda cena inicial aparecia na medida em que devaneava a respeito de lugares e (não-lugares) para dançar a experiência. Pretendia registrar em vídeo experiências de criatividade fluida a partir de uma motivação ambiental – a corporalização dos conceitos diferenciais da EAH em forma de denúncia – em espaços que apresentassem em si um paradoxo ambiental. Imaginava para tanto as docas do porto velho, onde o fim de tarde combina a intensidade do trânsito e da paisagem, de modo que a poluição sonora se mistura aos sons naturais do cair da tarde, provocando mudanças de iluminação, sonoridade e sentimento. Não obstante, imaginava fazer o registro em mais de um espaço e sob diferentes óticas.

A terceira cena seria registrar todo o processo que envolveria a execução: a preparação dos materiais, a chegada aos espaços, a experiência em si, a reação das pessoas. Para tanto, pretendia aplicar os conhecimentos obtidos através da

oficina de vídeo realizada na disciplina do curso, *As Três Ecologias*, bem como tinha o intuito de trabalhar em parceria com Laboratório Audiovisual de Pesquisa Em Educação Ambiental - LAPEA. Planejava inclusive reunir em vídeo todas as minhas impressões – imediatas ou não – relacionadas à construção daquela obra, na forma de diários de campo.

Minha quarta cena se daria no momento de editar as imagens, construindo uma obra multifacetada que se propunha a movimentar ideias a partir do registro não só das experiências de fluxo - cuja inspiração e resultado partiam da EAH - bem como o impacto ambiental imediato na rotina dos não lugares em virtude do próprio registro da experiência. Era neste ponto em que a música se juntaria à teoria e ao movimento registrado com vistas a conceber um *clinamen*, um ponto de reflexão e mudança.

De posse dos diários de campo e do registro das diferentes reações dos transeuntes que compõem/interagem na experiência passaria então a rabiscar a respeito da dança como forma de Educação Ambiental. Iniciando pela formação da minha identidade enquanto educadora e dissertando sobre os impactos que a experiência de fluxo, cercada de toda a sua imprevisibilidade, teria no processo.

Abrindo as cortinas para a penúltima cena seria a hora de buscar dados mais objetivos. Com o vídeo pronto em mãos buscaria outros tantos não lugares para projetar o primeiro resultado. Pensava em não lugares por pensar em não público. Entendo que a conexão do sujeito expectador com a obra deve ser voluntária e desregrada. Uma experiência sem roteiro, uma improvisação sem acordos prévios. Pretendia nesta penúltima dança proporcionar à comunidade uma experiência estética. Próximo à projeção, estaria um espaço para registro – em pequenas cadernetas ou mesmo *post it* – no qual expectadores voluntários escreveriam suas impressões sobre a experiência.

A cena final se daria na própria sistematização dos dados, com a qual se iniciaria uma reflexão acerca da legitimidade da dança enquanto Educação Ambiental e do alcance desta proposta. Volto a dizer que acredito na relevância da proposta original, mas meu corpo paralisou o texto e roubou-me o ânimo necessário para que se concluísse com êxito tamanha experiência.

Preciso mencionar a jornada que até aqui me trouxe, uma sucessão de desacertos alheios a minha vontade. Quando ingressei no PPGEA, tinha intenção de pesquisar o grupo de dança da FURG e suas relações com a Educação Ambiental.

Contudo, em agosto do mesmo ano o grupo se desfez, em virtude da suposta falta de espaço físico da Universidade. Em seguida direcionei meus esforços para trabalhar com um grupo na Casa do Estudante Universitário. Entretanto, o ano estava terminando e os alunos acabaram dispersos, impossibilitando a consolidação do grupo. No início do ano de 2012 comecei um trabalho com as auxiliares de limpeza do IFRS. Chegamos a fazer três encontros, mas em virtude de um desentendimento de trabalho houve uma cisão no grupo e as alunas abandonaram a atividade. Dando continuidade às tentativas, fui à busca de um caminho dos desafios lançados a minha pessoa pela professora Maria do Carmo Galiazzi, e pelos professores Alfredo Martín e Victor Hugo Guimarães Rodrigues. Dançar conceitos, dançar a dissertação, buscar a dança da Educação Ambiental, denunciando o desapego dos homens para com o ambiente que os cerca e do qual fazem parte. No entanto, este projeto me paralisou, o texto, o ânimo, o corpo. Precisava redirecionar meu olhar dançante para o sonho feliz que outrora impulsionava minha escrita.

Finalmente e a muito custo, abandonei este propósito. Tive que me reinventar e recriar a proposta de concretizar meu Mestrado em Educação Ambiental. Deste modo, este trabalho não pretende descrever uma dança, tampouco seus processos de composição. Também não se propõe a solucionar os paradoxos existenciais ligados a Educação Ambiental. Sendo assim, coloquei-me como autora-expectadora deste processo, limitando-me a um contar de ideias, caminhos e reflexões das experiências pelas quais passei até o desenhar destas palavras.

Juntamente com a construção da pesquisa se dá a constituição da pesquisadora, visto que outrora me coloquei a contar histórias com todo o corpo, agora preciso me limitar ao desenho gráfico destas palavras. Trabalhar com a ponta dos dedos das mãos, quando o costume era trabalhar com a ponta dos dedos dos pés.

Esta pesquisa está composta por quatro atos: Ato I – POR QUE DANÇAR EM PAPEL E TINTA, divide-se em duas cenas, Cena I - Canção para uma valsa lenta e Cena II - O encontro, para contar um pouco da história antes e após o contato com meus alunos-professores do saber ambiental. Neste capítulo constam algumas das motivações que impulsionaram meu corpo nesse movimento de escrita; Ato II – À SOMBRA DA DANÇA. Dividido em duas cenas, Cena I – Compreensão dançarina e Cena II – Desvendando a teia de significados, com vistas a explicitar as nuances significativas que se desenrolaram durante o auge do movimento Terpsícore. Nele

constam os significados que ficam de fato à sombra da Dança, os significados que fazem com que os dançarinos permaneçam bailando suas histórias para além do tempo; Ato III – REFLEXÕES EM MOVIMENTO DE DANÇA: a constituição da educadora ambiental, composto por um sem fim de reflexões que conduziram meu saber ambiental ao longo do tempo; Ato IV – A DANÇA DO PROCESSO, composto por Cena I – Construindo caminhos e Cena II – Improvisando dados dançantes, nas quais são estabelecidas as relações ambientais nos entremeios entre processo e resultados. Como toda a dança, a escrita dará seus rodopios, confundindo e esclarecendo apontamentos enquanto o desenrolar do pensamento se estabelece em teu corpo. Peço-te: dança comigo. Para além das linhas, no terreno dos sonhos felizes..



Figura 2 - Eu em dança solo no espetáculo Flor&Ser. Foto: Rafael Barros em 2010.

ATO I – POR QUE DANÇAR EM PAPEL E TINTA

Cena I – Canção para uma valsa lenta

Durante o processo de tessitura deste trabalho, perdi as contas de quantas vezes iniciei uma nova página na esperança de vencer a autocrítica e a folha em branco. Contudo, imersa nessa jornada de impressões de ideias, resolvi aproximar esse universo de palavras de minha experiência errante.

Tomei a decisão de conduzir esses escritos como um grande espetáculo de dança, a fim de diminuir a inquietação provocada em mim por essa tal linguagem escrita. Grifo aqui minha concisa explicação a respeito deste *ensaio*, no qual me apresento e me entrego para a dança.

Peço desculpas pelo modo como as ideias parecem se organizar no papel, mas prometo que direi apenas o indispensável para que te ponhas a dançar, ainda que silenciosamente, ainda que aparentemente inerte.

Convido-te então a conhecer o corpo onde vivem as ideias que por aqui se organizam. Na verdade, te apresento a lembrança deste corpo que agora escreve, acreditando que para compreenderes as escolhas tomadas hoje é importante que conheças as experiências de outrora.

Penso então em trajetória. Certamente partimos de algum ponto – ainda que de interrogação - e ao longo de nossa existência, a vida nos leva para diferentes lugares, nos mostrando outras formas de enxergar a realidade.

Quando penso em minha trajetória, lembro que minha ligação com o movimento é forte e antiga. Não sei precisar exatamente quando meu encantamento pela dança começou; na realidade, meu gosto por dançar se perde em minhas memórias.

Desde muito pequena eu dancei, pelo gosto que sentia ao ouvir música. Lembro-me que costumava pular ao som de qualquer balada agitada, não importando hora ou lugar, muitas vezes incentivada pelos pais, outras tantas sozinha no quarto enfeitada por lenços e figurinos improvisados roubados do armário da mãe.

À medida que o tempo foi passando, foi brilhando também o desejo de fazer dança em uma academia. Queria usar sapatilhas de ponta com fitas amarradas até

os joelhos, como a bailarina desenhada ao lado do poema do Cecília Meireles em um dos livros da escola.

Depois de alguns anos nessa expectativa, minha madrinha de coração me matriculou na *Academia Ensaio* da cidade de Rio Grande. O ano era 1996, o curso era ballet clássico e a felicidade era indescritível.

Naquele mesmo ano tive meu primeiro contato com o palco, fui camponesa no clássico *A Bela Adormecida* (Figura 3). Lembro-me de sentir a responsabilidade de fazer tudo certo, da correria dos camarins, da fila para a maquiagem. Eu finalmente tinha encontrado um ambiente onde me sentia normal. Um lugar onde eu podia viver inúmeras vidas, onde existiam reis e rainhas de verdade. - *Quando eu crescer, vou ser bailarina.*



Figura 3 - Aldeã nos bastidores de “A Bela Adormecida”. Foto: Roma Eventos e Formaturas, 1996

Ciranda da Bailarina

Chico Buarque

Procurando bem
 Todo mundo tem pereba
 Marca de bexiga ou vacina
 E tem piriri, tem lombriga, tem ameba
 Só a bailarina que não tem
 E não tem coceira
 Verruga nem frieira
 Nem falta de maneira
 Ela não tem

Futucando bem
 Todo mundo tem piolho
 Ou tem cheiro de creolina
 Todo mundo tem um irmão meio zanolho
 Só a bailarina que não tem
 Nem unha encardida
 Nem dente com comida
 Nem casca de ferida
 Ela não tem

Não livra ninguém
 Todo mundo tem remela
 Quando acorda às seis da matina
 Teve escarlatina
 Ou tem febre amarela
 Só a bailarina que não tem
 Medo de subir, gente
 Medo de cair, gente
 Medo de vertigem
 Quem não tem

Confessando bem
 Todo mundo faz pecado
 Logo assim que a missa termina
 Todo mundo tem um primeiro namorado
 Só a bailarina que não tem
 Sujo atrás da orelha
 Bigode de groselha
 Calcinha um pouco velha
 Ela não tem

O padre também
 Pode até ficar vermelho
 Se o vento levanta a batina
 Reparando bem, todo mundo tem pentelho*
 Só a bailarina que não tem
 Sala sem mobília
 Goteira na vasilha
 Problema na família
 Quem não tem

Procurando bem
 Todo mundo tem...

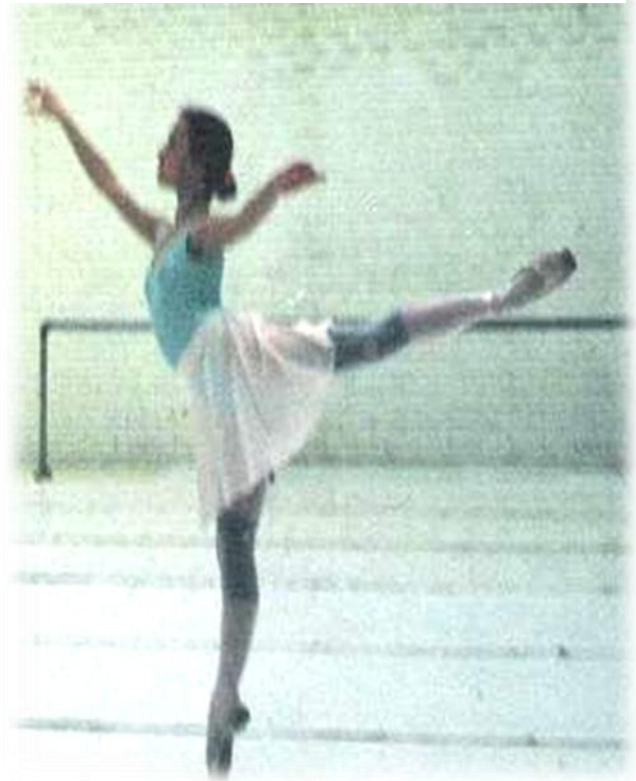


Figura 4 - Arabesque nas oficinas do Bento em Dança. Foto: Raquel Chaves, 1998.

O Ballet Clássico é um estilo de dança marcado pela rigidez (Figura 4). São muitos detalhes técnicos para se observar e muito pouco espaço para erros. De certa forma, aprendemos a admirar a rigidez, a nos envergonharmos de nosso peso, nos orgulharmos de nossas dores e da ausência de vida pessoal. Todos são

treinados para tornarem-se profissionais, embora poucos tenham intenção de seguir carreira.

Durante esse treinamento não há espaço para questionamentos, você respeita o professor e reproduz o modelo. Em meio a esse ambiente fui me constituindo adolescente e bailarina.

Em março de 2000, eu tinha 13 anos de idade e fui nomeada professora de ballet e jazz na academia onde estudava. Na época, foi a melhor notícia da minha vida. Hoje em dia, olho para trás com olhos de educadora e me assusto com a facilidade e imprudência com a qual as coisas acontecem na dança. Essa ainda é uma prática presente nas academias de dança de Rio Grande e de diversos lugares. É uma prática naturalizada, uma espécie de tradição na qual os alunos da escola com melhor *performance* assumem as turmas mais jovens, sem qualquer preparo pedagógico. Contudo, nosso foco agora é a trajetória. Sobre as incongruências no ensino de dança falaremos em outro momento.

Em novembro do mesmo ano dancei meu primeiro papel principal no palco do Teatro Municipal da cidade. Além do nervosismo da estreia, um irônico diagnóstico



de catapora - 125 feridas no rosto -, febre de 40°C e todo o nervosismo do mundo. Assim aprendi que o show tem que continuar, que a dança exige transcendência e que existe um espaço onde uma bailarina com a aparência de um dinossauro consiga ser disputada por três cavalheiros e aplaudida por uma plateia de pé.

Ao final do ano 2000 eu era *professora* de ballet

Figura 5 - Afrodite no espetáculo “Fragmentos da Mitologia Grega” no Colégio Técnico Industrial. Foto: Roma Eventos e Formatura, 2002.

clássico e jazz na Academia, dava aulas em uma escola de educação infantil, tornei-me primeira bailarina e troquei as vivências de um adolescente qualquer pela rotina de treinos e prática, sem culpa.

Com o início do Ensino Médio minha rotina se alterava a cada dia. Eram mais horas dedicadas aos estudos, mais responsabilidades, mais comprometimento com uma disciplina que até então nunca havia me chamado a atenção: Educação Física. Na realidade, por anos consegui dispensa da obrigatoriedade das aulas devido ao meu envolvimento com a dança. Mas com a mudança de escola veio junto uma nova dinâmica para a disciplina. Comecei a cursar “uma tal” dança contemporânea, oferecida por minha professora como alternativa à tradicional dinâmica de ensino. Minha formação de bailarina clássica provocava em mim uma antipatia por aquele estilo tão “desregrado”. Na época eu não vislumbrava a importância dessa experiência que seria responsável não só pela minha nova visão da dança, mas também pela escolha profissional de uma vida.

Estava eu satisfeita com minha opção de bailarina clássica, formada pelo controle, pela técnica, em busca do movimento perfeito, quando no mesmo ano ensaiávamos para o clássico de repertório Don Quixote (1869). Na montagem eu representaria a personagem principal, e na ocasião de um dos ensaios eu me preocupava com o sentimento que deveria estar envolvido no movimento.

Na época, a escola onde eu dançava havia contratado um bailarino profissional que veio da capital do estado para dançar conosco. Lembro-me que ele estava comandando um dos ensaios e eu lhe lancei a pergunta acerca de qual sentimento eu deveria estar preocupada em representar. Ele respondeu com certo desdém que eu deveria me preocupar apenas em acertar a sequência de passos a serem executados, pois isso o fazia feliz. A resposta dele ecoou no meu corpo muito tempo. Ignorar a dimensão artística da personagem em virtude de uma sequência técnica bem executada. Percebi que embora aquele tipo de dança me realizasse em muitos aspectos eu não estava feliz me imaginando naquele universo de caixa de música. Senti que precisava de outras motivações, outras danças.

Ainda naquele ano (2002) eu estava envolvida na montagem de uma coreografia com um colega de escola para a apresentação de dança da disciplina de Educação Física. Aquela ideia era embriagada de sentimento, era a tal dança contemporânea, apresentada em leves pinceladas durante as aulas regulares da escola.

As duas experiências aconteceram simultaneamente: a remontagem do clássico e a construção do contemporâneo que, curiosamente, veio a se chamar *Desejo*. A liberdade expressiva daquela tal dança contemporânea me roubava para uma experiência única e me fez questionar quais as reais razões que me levavam a dançar. Era uma dança que colocava a técnica em um segundo plano, que nos possibilitava criar coisas diferentes, novos ritmos e passos, novas possibilidades.

Ao final daquele ano, deparei-me confusa, inquieta e com uma necessidade maior de mudança que me tomava toda. Nunca deixei de gostar dos clássicos, ainda sou apaixonada por sapatilhas de ponta, mas aquela época me lançou para outras descobertas, me provocou novos anseios, novos impulsos de movimento. No ano seguinte (2003) enfrentei a diretora da minha escola com a notícia de que estaria abandonando o ballet – mesmo que momentaneamente – para ir à busca de uma dança diferente, mais apaixonada e envolta em possibilidades criativas.

Lembro-me da violência com que a tal conversa terminou, recheada com juras de fracasso e dedo estendido a poucos centímetros do meu nariz. Minha professora talvez esperasse algum tipo de lealdade cega, que me prendesse àquela escola por toda a vida. Eu já não era mais bailarina clássica, era simplesmente *bailarina*.

No mesmo ano (2003) comecei a dançar com o elenco do *Centro Coreográfico do Teatro Sete de Abril*, em Pelotas. Havia passado na seleção para bailar uma outra dança. Enfim, já se passavam sete anos desde que eu começara a dançar e meu corpo sentia a necessidade de tentar alguma coisa diferente. Na ocasião me lancei a dançar em minha cidade natal, Pelotas, em busca de um corpo que reconhecesse a dança moderna. Uma honra, uma responsabilidade, uma outra experiência. Pés descalços, cabelos livres do tradicional coque, outra linguagem para vivenciar, criar, expandir. Aquela experiência me fez amadurecer bastante. O tal Centro Coreográfico que se tornara meu lar de dança tinha um *ar* de Cia. Profissional.

Nós ingressávamos no grupo como substitutas, treinando coreografias as quais dificilmente dançaríamos, visto que estávamos apenas aprendendo o espaço das bailarinas titulares. Ainda assim tive a oportunidade de dançar com eles em uma apresentação.

Lembro-me do meu nome na porta do camarim, da moça que organizava nossas roupas e da liberdade que senti ao me aventurar em cada passo.

No entanto, em virtude de desacerto de patrocínio o grupo encerrou suas atividades no mesmo ano em que integrei ao elenco. Senti como se me roubassem o chão. Voltaria eu para Rio Grande e para o bairrismo que acompanhava as escolas de dança e, bailarinas vindas de outros espaços não costumam ser bem recebidas pelos grupos.

Somava-se ao caso o fato de que em Rio Grande não existiam aulas de dança moderna ou contemporânea e que no universo da dança clássica, bailarinas que buscam outras formas de linguagens são taxadas como incompetentes.

Enfim, voltei com o coração apertado. Eu estava cursando meu terceiro ano do Ensino Médio (2003) e, a convite do professor de Educação Física da época fui monitora da disciplina e continuei o trabalho de dança contemporânea na escola dentro do *Grupo de Dança Expressão*, apesar da saída da professora responsável.

Remontei o grupo de dança no Colégio Técnico onde estudava. Nós éramos 25 adolescentes tentando fazer dança contemporânea. Naquele ano percebi que minha busca pessoal por um caminho que me fizesse sentir autêntica era irreversível.

Percebo que naquele início, e durante muito tempo de jornada, nós copiávamos muito mais do que experimentávamos criar. Os ex-colegas de dança diziam que éramos um *grupinho* de escola e que eu procurava autopromoção. Fiquei na escola por mais um ano depois da formatura, nosso grupo cresceu para 55 integrantes e aos poucos os traços do ballet clássico foram diminuindo e o pensamento foi ficando mais simbólico, dia a dia mais contemporâneo.

Na verdade, era um grande exercício de liberdade e potência, visto que daqueles 55 integrantes, a grande maioria tinha contato com a dança pela primeira vez e aquela experiência foi extremamente significativa para muitos daqueles que jamais pisaram no palco novamente depois que a cortina vermelha se fechou.

À medida que *Chronos* me empurrava para a vida adulta, me envelhecendo a cada dia, novas responsabilidades estavam chegando. Começava a maratona de vestibulares e a necessidade de fazer difíceis escolhas.

Na época, não havia cursos superiores de dança nas universidades públicas da região e confesso que meu olhar sobre as licenciaturas não era nem próximo do entendimento que tenho hoje e minhas limitações afastaram-me do curso de Educação Física oferecido pela Universidade de Pelotas. Acabei prestando as provas para a FURG e, em 2005 eu me tornava acadêmica de Direito. Era chegada

a hora de trabalhar por independência financeira e não mais por *hobby*. Trabalhava oito horas diárias e já não mais dançava.

Mal havia tempo para dar conta dos estudos e a dança começava a figurar na minha vida apenas como uma feliz memória. Confesso que a inquietude e a infelicidade se tornaram minhas companheiras durante aquela época. Ao fim do ano eu já não me sustentava de pé, faltava aquela motivação que a dança outrora me trazia.

Todo este quadro cinza flexibilizou meu olhar sobre a licenciatura concomitante a fundação do curso de Educação Física na FURG. E, finalmente, em 2006 eu começava a escrever a história da primeira turma de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande. Eu buscava mudança e em questão de poucos meses minha vida se alterou de maneira decisiva. Larguei meu emprego para cursar Educação Física e o Direito. Eu não conseguia assumir para meus pais que estaria trocando um futuro com reais possibilidades financeiras para me dedicar a uma licenciatura. Em verdade eu tinha dificuldades de assumir para mim mesma também.

E deste modo fui vivendo durante toda minha licenciatura, sempre carregando o Direito. Ainda assim, só estudar Educação Física ainda era pouco, eu precisava dançar. Eu queria expandir aquela sensação libertadora da dança contemporânea. Para mim, dançar sempre foi ouvir música com todo o corpo. Minha caminhada na dança vai do ballet clássico à dança contemporânea, passando por picos e vales durante todo o caminho.

Meu corpo sentia falta da dança, mas além do movimento, outras coisas me inquietavam. Durante meu processo de constituir-me bailarina tive contato com inúmeras pessoas que admiravam a dança, mas não se permitiam dançar, pois se consideravam fora do padrão, longe dos corpos eleitos que povoam um imaginário coletivo acerca do que é mesmo ser bailarino.

De certa forma, elas tinham razão. Eu não encontrei – ao longo de minha caminhada – espaço onde se pudesse dançar habitando corpos possíveis.

Cena II – O encontro

Quando ingressei no curso de Educação Física ainda era latente em meu corpo a sensação desperta daquele grupo formado no Ensino Médio. Em um grupo com mais de cinquenta pessoas é impossível centralizar o aprendizado na figura do professor, sendo assim, todos são responsáveis pelo processo de homogeneização das sequências, ainda que se mantenham praticamente intactas as expressões individuais de cada potencial dançarino.

O aprendizado é facilitado quando somos incumbidos de ensinar a outrem. Foi naquele grupo grande no qual todos tinham mais ou menos a mesma idade que



Figura 6 – Juliana Ruiz integrante do Terpsícore – Grupo de Dança da FURG como Loucura no espetáculo “Retrato de Um Homem Só”. Foto: Ilse Jochmann, 2006.

começava a brotar a semente de uma nova dança. Nova não pelo formato, mas pelo processo de construção dos movimentos e das relações.

Em busca desse formato mais horizontal de ensino-aprendizagem, procurei a Pró-Reitora de Extensão da época – que

era mãe de uma ex-aluna minha – para descobrir como implementar um grupo de dança semelhante aquele que existia no Colégio Técnico, desta vez na FURG.

Já na partida encontrei o primeiro entrave: a busca pelo professor orientador. Dentro do curso de Educação Física se pensava apenas nos interesses da escola, no trabalho com crianças. Diziam que um grupo de dança iniciante na Universidade não teria público. Impulsionada por esta inquietação, dancei.

Pensei então em resgatar a experiência vivida no colégio, e esta motivação me fez propor um projeto de extensão que se destinava a ensinar a dança para iniciantes adultos. Àquela altura eu ainda entendia a aprendizagem como um processo linear, de um só sentido: eu ensino, eles aprendem.

Devido a minha insistência, coerente com a minha teimosia, encontrei uma professora “disposta” a orientar o projeto. Disposição esta limitada as assinaturas necessárias para fazê-lo funcionar. Ela não tinha grandes interesses pela minha *dancinha*, como costumava chamar.

Não me deixei abater, eu acreditava – como ainda acredito – que a dança reúne e motiva as pessoas para além de suas diferenças. Minha ideia era reunir pessoas de diferentes cursos e experiências de movimento para seguir descobrindo como fazer dança contemporânea.

Formamos duas turmas com quinze alunos dos mais variados cursos. Algumas pessoas ficaram de fora das primeiras turmas, pois a procura foi maior do que o número de vagas oferecidas e para fazer esta “seleção” procurei incluir no projeto pessoas que não possuíssem outro espaço para dançar.

E assim se iniciava, em 2006, o projeto *Terpsícore – Dança Furg*, com o intuito de levar algo além de livros, teorias e experimentos para o espaço formal da universidade. Desta forma, o projeto começou como um grande experimento com adultos.

Na época, boa parte dos alunos inscritos eram oriundos da pós-graduação em Educação Ambiental, outros vinham da Engenharia, Biblioteconomia, Pedagogia, Ciências Contábeis, pós-graduação em Fisiologia Animal Comparada, Oceanologia, Artes Visuais, Ciências Biológicas e Química, além de alunos do grupo de dança do Colégio Técnico.

A parte relativa às linguagens da dança funcionava com uma dinâmica semelhante à desenvolvida no extinto grupo do Colégio Técnico. No entanto, quando se tratavam de relações humanas, algo próximo de amizade e envolvimento, eu me sentia bastante desconfortável. Abraços, sorrisos e confidências me deixavam inquieta, sem saber direito como reagir.

Este primeiro ano de *Terpsícore* foi para mim um grande divisor de águas, pois aquela turma da Educação Ambiental foi me ensinando, sem que eu percebesse que a dança é muito mais feliz, motivadora e envolvente se aliada a uma conexão afetiva. Na realidade, eles me ensinaram – tacitamente – que o aprendizado é recheado de trocas.

Conheci algumas pessoas muito especiais neste projeto, que me ensinaram a habitar este mundo mais plenamente – Igor Velho, Maria Cristina Marques, Ana Lúcia Falco, Álvaro Cunha (coincidentemente eram alunos de Filosofia da Educação

Ambiental do professor Victor Hugo, para o qual relatavam suas experiências de dança com uma tal de *professora Giovana*, que desenvolvia atividades com eles justamente no horário anterior ao da aula, o que justificava seus atrasos). Foram alunos, amigos, professores, afetos. Eu lhes ensinava a dançar e eles me ensinavam a viver. Eram alunos do PPGA e me diziam que a dança ia muito além do que eu imaginava.

Cada abraço, sorriso e lição daquele primeiro ano foi despertando em mim um novo olhar, uma nova imagem dinâmica que foi me aproximando das pessoas e melhorando minha relação com os demais alunos que acabaram por se tornarem meus amigos. Ainda hoje converso com aquelas pessoas que me presentearam com suas existências naquele ano de 2006, pessoalmente ou via internet mantivemos os laços. Encontramo-nos em outras cidades, em outras situações e, aquele carinho e as memórias que construímos juntos nos mantêm próximos apesar de qualquer distância.

Ao final daquele ano montamos um espetáculo, com o elenco reduzido, pois a turma que funcionava à tarde foi se desligando à medida que os estágios e projetos foram tomando o tempo. Construímos então o alicerce de um projeto de dança – que durou cinco anos – e de vida, que dura até hoje.

Nos anos seguintes o elenco aumentou e diminuiu diversas vezes, chegando a abarcar mais de sessenta pessoas inscritas. Apresentamos-nos em Rio Grande, Pelotas, Bagé, Bento Gonçalves, Capão da Canoa, São Lourenço do Sul e Santo Antônio da Patrulha. Acumulamos 17 premiações em mostras competitivas ao redor do Estado, incluindo três primeiros lugares. Montamos um espetáculo de Ballet Clássico de Repertório no qual 80% do corpo de baile jamais havia dançado ballet.

Enfim, realizamos diversas façanhas que figuram na memória daqueles que tiveram oportunidade de se permitirem bailarinos. Conseguimos nos manter apesar do pouco incentivo da universidade e de todos os impedimentos que nos foram colocados.

Nunca fizemos seleção prática para entrar no grupo ou mesmo para as coreografias que competiram. O intuito do projeto sempre foi estender as experiências da dança a todos, independentemente do grau de desenvolvimento técnico de cada integrante. As composições eram feitas respeitando as possibilidades e limitações de cada sujeito, enaltecendo as qualidades técnicas e/ou

expressivas de cada um. Dançamos o som das palavras, o silêncio, as frustrações, lembranças e alegrias.

Criamos laços, estreitamos distâncias, construímos um espaço para o qual sempre era possível voltar e onde se fazia de tudo para conciliar o movimento com a vida acadêmica. E neste movimento se passaram cinco anos de produções e vivências, aliviando tensões, construindo imagens positivas.

O grupo teve fim no ano de 2011 em virtude do descaso da Universidade para com o projeto. Não tínhamos espaço para ensaiar e o Núcleo Artístico Cultural da época agiu desrespeitosamente com o elenco por diversas vezes, descumprindo acordos, cancelando apresentações, confirmando apresentações sem informar o grupo, se omitindo para esclarecimentos, dentre outros atritos.

Foi extinto um ambiente de trabalho, mas não a ideia motriz do movimento, tanto que ainda hoje, dois anos depois do acontecido, juntamos ex-integrantes do grupo para aulas de dança esporádicas, para matar a saudade e relembrar o corpo de todo seu potencial dinâmico.

Certamente ao final desta experiência eu já não era a mesma menina sonhadora que procurava os passos exatos da dança, cuja maior preocupação era descobrir qual o formato da dança contemporânea. Esses cinco anos me ensinaram muito sobre relações de ensino-aprendizagem. Quanto maior a doação e a solidariedade, maior o aprendizado.

Quando os sujeitos percebem a horizontalidade do processo e o reconhecimento pelo envolvimento são capazes de sentir a potência que circula por seus corpos. Potência de movimento, de afeto, de dança, que mobiliza as pessoas e cria redes de apoio que se estendem para o cotidiano.

Os sujeitos que construíram o *Terpsícore* Grupo de Dança da FURG tornaram-se parceiros e confidentes, de modo que muitos encontros lembravam grandes sessões de terapia, visto que o objetivo maior da dança não era a correção ou homogeneidade dos passos, mas o bem estar das pessoas que dele faziam parte.

Esse processo me fez mais humana, mais sensível e afetiva, preocupada com as relações que se estabeleciam para além das quatro paredes que compreendiam nosso espaço de ensaios.

Senti profundamente cada perda, chorei com cada despedida, cada final de espetáculo que traduzia no brilho dos olhos daqueles sujeitos o triunfo de um

trabalho realizado a várias mãos, vários corpos e sentimentos trabalhando na construção de um sonho.

Por mais frustrada que eu tenha ficado com o término do projeto, nada será capaz de reverter em mim o movimento que começou naquele primeiro abraço em 2006, nada será capaz de destruir as memórias e o sentimento que elas despertam.

Sobre esse projeto construí meu trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Educação Física, meu projeto de Mestrado e a faísca de um projeto de vida. A eles e elas agradecerei sempre, bem como a Universidade por permitir, ainda que de modo conturbado, a existência daquela teia de relações, que me fez diferente e ecoa em mim até hoje.

Agradeço aos olhos assustados daquelas que hesitavam conseguir
 Aos sonhos emprestados das que ousaram tentar
 Aos ombros amigos daquelas que dividiram a caminhada
 À Dança por me apresentar pessoas incríveis
 A essas pessoas incríveis, por dançarem ao meu lado
 Alunas, amigas, professoras, obrigada Terpsícore por me fazer melhor a
 cada dia. (Agradecimento Trabalho de Conclusão de Curso, 2009)

Esse foi meu primeiro encanto com a Educação Ambiental. Durante toda a minha graduação eu tive contato com diferentes alunos do PPGA em virtude do projeto de dança. Criamos juntos, escrevemos juntos, crescemos juntos.

Foi plantada em mim uma semente multiplicadora, mas eu precisava saber mais a respeito. E foi assim que eu vim parar aqui, escondida entre essas linhas. Dividindo minhas impressões, tecendo entendimentos e pensando a Educação Ambiental através da dança.

Toda esta jornada me trouxe até este momento, no qual me coloco a refletir a dança da Educação Ambiental na esperança de cativar outros pares para que se lancem neste movimento que busca pertencer.

Minha ação é precedida de um desejo dançante emerso na dificuldade prática de encontrar escritos que visualizem as pontes entre a dança e a Educação Ambiental.

Dança enquanto fenômeno livre e complexo, desenvolvido para além das formas convencionais e motivada pelo desejo de protagonizar experiências que as palavras ainda têm dificuldade de descrever; Educação Ambiental enquanto movimento, de afeto, de mudança, de formação de multiplicadores de ações que efetivamente transformem este mundo em lugar melhor para se dançar a vida.

Entretanto, se por um lado encontro limitações bibliográficas nesse sentido de entendimento, por outro lado mais urgente se torna o estabelecimento da discussão teórica sobre o tema. A este ponto não consigo vislumbrar momento mais propício para a tessitura destas linhas.

Penso na possibilidade deste trabalho funcionar como ponto de partida para novos sentimentos, novas percepções de realidade e novas ações cotidianas. Lanço essas primeiras questões assim, meio que ao vento, para coloca-las em movimento.

Enquanto te percebes a divagar, calmamente me ponho a apagar as luzes, fechando a cortina, encerrando este primeiro movimento enquanto teu corpo me percebe nestes últimos rodopios.

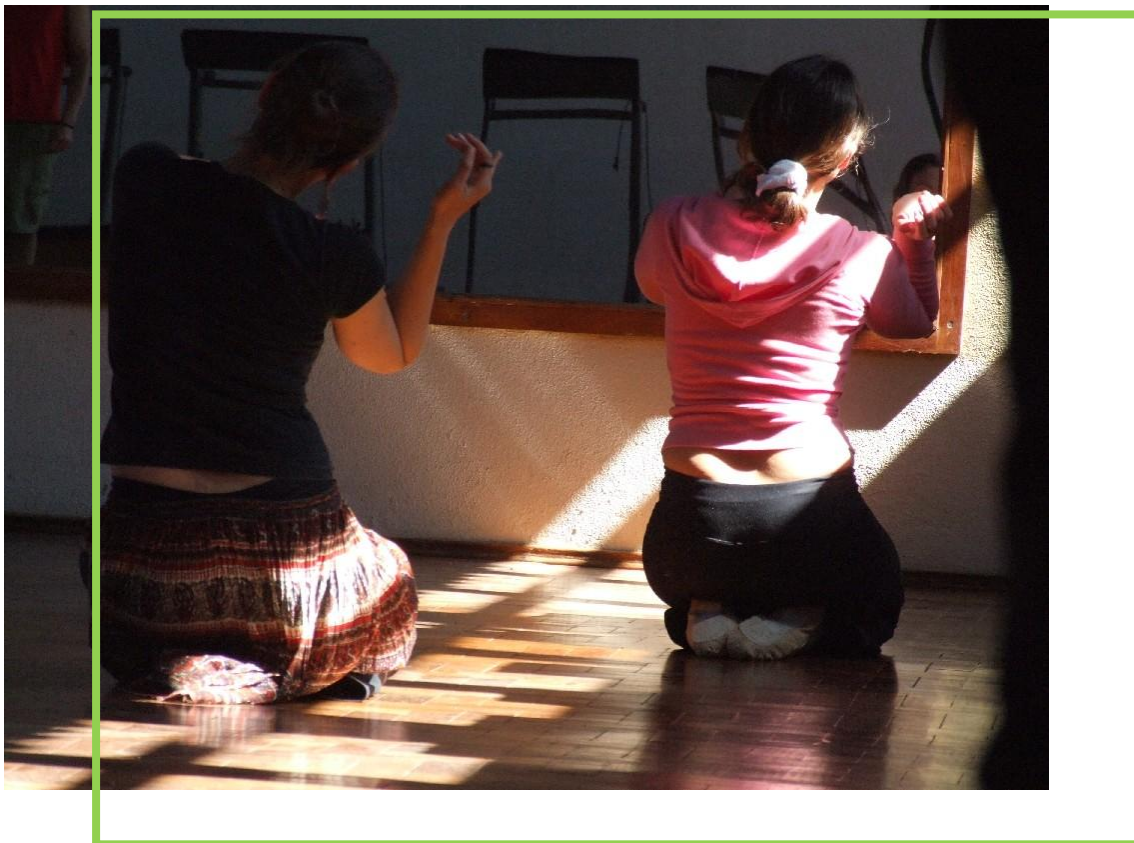


Figura 7 e 8 - Integrantes do projeto Terpsícore em ensaio e apresentação do espetáculo Retrato de Um Homem Só. Foto: Ilse Jochmann, 2006.

1 À SOMBRA DA DANÇA

Cena I – Compreensão dançarina

A intencionalidade de movimentação costuma ser marcante na dança, principalmente naquela que se torna sistemática, organizada e vivenciada como algo além da atividade física em si, uma espécie de nova rotina.

A dança, como prática artística, é cercada de diferentes significações, desde as atribuídas à prática em si, bem como aquelas que se constituem como consequência da prática, derivadas do contexto em que ela ocorre. Este é o significado que pretendo abordar com o presente capítulo, o pertencente ao universo da dança, mas que é traduzido muito além do movimento.

Partindo dessa diversidade de significados que podem ser oriundos dos movimentos de dança e da prática de dançar como um todo, fui a campo pesquisar os integrantes do grupo de dança mantido pela Universidade Federal do Rio Grande, para descobrir *quais os significados que as integrantes do projeto de extensão Terpsícore – Dança FURG! atribuem para o Grupo de Dança.*

Acreditando nesta universalidade de potencial do movimento humano, fui idealizadora da criação do projeto Terpsícore – Dança FURG!, pioneiro de iniciação tardia em dança na Universidade Federal de Rio Grande, no ano de 2006.

Desde o início das atividades, em torno de 100 (cem) alunos já passaram pelo projeto, seja frequentando as aulas ou expondo-se nas mais de 80 apresentações feitas ao público ao redor do estado.

Ao longo desse tempo de existência, o projeto *Terpsícore* produziu e realizou seis espetáculos, levando a dança produzida na universidade para mais de mil espectadores.

Para se compreender a dança (arte), [...] é necessário esclarecer o sentido próprio da dança também a partir de uma análise das relações que as pessoas têm com ela; a relação de cada pessoa com a dança é algo diferenciada conforme sua vivência subjectiva e a realidade social. Ambas se refletem na atribuição de significados que a pessoa faz, de forma que ela tem sempre uma compreensão biográfica da dança, formulando o significado que a dança tem para si (SARAIVA, 2005 p. 232).

Partindo dessa compreensão biográfica e fenomenológica da dança, pesquisei o contexto que envolve o *bailarino*, busquei a significação atribuída ao

grupo de Dança, por aquelas que dele fazem parte, transformando esta jornada em conhecimento científico.

Nesse percurso tenho em mente que a escolha da metodologia é determinante para a realização de um estudo, porque é ela que traduz e sistematiza os dados, dando forma às questões que povoam o imaginário do pesquisador. Na busca pela melhor tática de estudo para dar conta de meu problema de pesquisa, optei pelo estudo qualitativo.

A coleta de dados se deu por três diferentes instrumentos. Primeiramente através de meu diário de campo, escrito em janeiro de 2009, durante a montagem e apresentação da *performance* “Mezcla”. Resolvi escolher a montagem de “Mezcla” como alvo do meu diário enquanto coleta devido ao fato de os ensaios acontecerem no período das férias de verão, ou seja, os indivíduos participantes desta *performance* estavam realmente dispostos a envolverem-se.

Ao mesmo tempo, com a escolha de “Mezcla” eu conseguiria anotações e impressões de todas as etapas do processo de criação de um trabalho. Registrei ao todo vinte ensaios, com duração média de duas horas.

Além dos diários de campo, no mês de março de 2009, solicitei aos integrantes do grupo que escrevessem um memorial descritivo. Frisei o caráter não obrigatório da solicitação ~~pedido~~, explicando a elas que, na realidade, eu gostaria de ler uma espécie de diário regressivo. Assim foi feito e, ao todo, analisei oito memoriais descritivos.

Complementando, dois grupos focais foram realizados no mês de maio, reunindo pessoas que integravam o grupo há seis meses. Os grupos focais tiveram uma frase norteadora: *fale sobre o que lhe foi marcante durante sua trajetória terpsícore*. Partindo deste questionamento pessoal, diferentes experiências emergiram, incluindo visões distintas dos mesmos fatos.

Objetivando sistematizar todo o material coletado, utilizei a triangulação como técnica de análise dos dados. Segundo Neto (1999, p. 132) “a triangulação impede a aceitação das impressões iniciais e, dessa forma, tanto a técnica da triangulação das fontes como a técnica da coleta da informação se processam simultaneamente uma vez iniciada a pesquisa.” A partir desses pressupostos metodológicos conduzi meu estudo, de modo a traduzir os dados coletados para uma forma sistematizada de conhecimento.

Pesquisando a literatura acerca da participação direta do pesquisador, encontrei escritos que apontam para a complexidade de se pesquisar o familiar. Segundo VELHO (1999, p. 128),

Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar; [...] No entanto, isso não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa, mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam. Desta forma é possível perceber que o familiar não é necessariamente conhecido, conseqüentemente, pesquisar o familiar é tanto ou mais complexo do que qualquer outro estudo aplicado a uma população desconhecida.

E é exatamente esta complexidade que serve de motivação para meus avanços.

Cena II - Desvendando a teia de significados

Hoje sei que sou uma pessoa melhor, depois desses dois anos no grupo. Aprendi a aceitar as coisas quando não são do meu jeito, aprendi a escutar críticas, aprendi que é possível melhorar cada vez mais, aprendi a escutar a musica e não contar (risos), e aprendi a dançar! (Memorial Descritivo de Paula, maio 2009)

Viver é uma prática constante geradora de uma teia de significados. Para os indivíduos envolvidos com o processo da dança, um dos fios desta trama é a prática dançante. Ao analisar os memoriais escritos pelos indivíduos inseridos no grupo de dança *Terpsícore* – pude perceber que diversos significados emergiram e se repetiram em diferentes falas, confirmando algumas constatações que eu já havia feito ao cruzar as informações obtidas nos diários e no grupo focal.

Destacarei apenas algumas e, certamente, não darei conta de extinguir o assunto, mas trarei para o corpo do estudo: *realização, expressão, sacrifício, doação, grupo, amizade, previsão de saudade e sessões de terapia.*

Inicialmente me surpreendi, pois esperava encontrar significados que remetessem a dança enquanto prática, em uma espécie de conceito reducionista. No entanto, me deparei com significações pessoais, humanas, de pessoas que enxergam a dança como parte de uma rotina que complementa suas experiências de vida.

Foi possível perceber que para estes sujeitos, a dança vai além do exercício em si, ela se torna um meio de transcender a realidade, criando um vínculo emotivo com aquele que dança. Para Kunz (1994, p.92), “um sentido pedagógico da dança

seria o desenvolvimento de um ser humano mais pelo estético do que pelo lógico, mais emocional-afetivo do que intelectual-racional”.

Esse ser humano *emocional-afetivo* aflorado através da dança nada mais é do que um indivíduo comum, emprestando ao mundo olhos dançantes. À medida que ele aumenta sua intimidade com o movimento expressivo, uma mudança pessoal se configura, fazendo com que o sujeito se oriente não só pela lógica, mas por um componente afetivo, pela sensibilidade.

Com efeito, o abalo sofrido pelo corpo no ato da percepção não é mecânico, mas é função da intenção, do desejo, que fazem o sujeito voltar-se para o mundo. Um componente afetivo filtra sem cessar o exercício da percepção. É esse componente que colore e interpreta o trabalho de sensação para organizá-la em uma paisagem de emoções (VIGARELLO et al., 2008, p. 514).

Pude perceber que os alunos descobriram uma dança que não esperavam encontrar. Essa paisagem de emoções, citada pelo autor, traz consigo uma experiência que gera crescimento.

É difícil precisar se a dança contemporânea é aprendida ou aflorada, contudo, é fácil reconhecer que as pessoas apresentam mudanças ao longo do processo de escapar da *fixidez horizontal*, da qual nos fala Vigarello (2008).

Tanto o sujeito do processo como àqueles que o rodeiam percebem essa transformação que se mostra em diversos aspectos da vida cotidiana. Nos memoriais analisados essa *mudança* é sempre presente; as meninas relatam mais do que alterações em suas rotinas, descrevem mudanças em si mesmas.

Não é simplesmente “me sinto uma bailarina” ou então “me descobri uma boa profissional na hora do ‘vamos ver’” (Grupo Focal, 14.05.2009), é reconhecer que durante as vivências possibilitadas através da dança foi possível, dentre outros aprendizados, “aprender a esperar, a ser menos vaidosa” (Memorial Descritivo de Maiara, maio 2009).

Contudo, esse aprendizado não é do bailarino técnico, mas do sujeito lidando com as situações que surgem em detrimento da dança, direta e indiretamente. Viver a dança é *estar e ser* sujeito de mudança, desenvolvendo mais do que habilidades motoras, “[...] a dança desperta, estimula e desenvolve a criatividade e, por consequência, o potencial humano [...]” (SARAIVA 1998, p. 51).

Há uma melhora na relação que o indivíduo tem consigo mesmo e com os outros que o rodeiam, descobrindo que “[...] posso ir além das minhas expectativas...” (Memorial Descritivo de Ana, maio 2009). O sujeito se redescobre, se integra de tal

maneira que o universo da prática se confunde com o cotidiano da vida, “Nos momentos tristes eu pude me erguer através da dança... nos momentos bons eu pude rir, me divertir e ser feliz dançando...” (*Idem, ibidem*).

[...] o total envolvimento subjetivo dos dançarinos num “se-movimentar” natural e espontâneo, faz com que a dança se torne um fenômeno de expressão e vivência. [...] Isso permite ao ser humano um retorno à sensibilidade ao belo e à própria vida que, de certa forma, o “processo civilizatório” (Elias 1976) tem sufocado no homem “civilizado” das sociedades atuais (KUNZ, 1994 p.91/92).

Esse retorno à sensibilidade, de que fala o autor, permite que aos poucos o indivíduo que dança tome consciência de si mesmo, como um corpo uno. Essa consciência modifica a percepção que o sujeito tem do mundo à sua volta e é o impulso gerador da resignificação do contexto que o envolve.

Através da dança abre-se um caminho para a percepção do fluxo de movimento, o qual o atual modelo de sociedade nos ensinou a desconsiderar. Por meio de diversos processos, o sujeito – que antes se resumia a um intelecto que comandava uma carcaça de matéria – passa pouco a pouco a re-ver essa perspectiva do que é ser humano, do que é constituído e como se coloca diante do mundo.

O fluxo do movimento preenche todas as nossas funções e ações permitindo descarregar tensões internas prejudiciais e é um meio de comunicação entre as pessoas porque todas as nossas formas de expressão como a fala, a escrita e o centro são conduzidas pelo fluxo do movimento (LABAN, 1990 p. 97).

Passa-se a dar vida àquela massa irracional de musculatura e partindo desse viés, o sujeito partilhado começa a enxergar-se como ser uno. Essa unidade de que falo abarca um potencial sensível, capaz de gerar trocas com o ambiente onde se desenvolvem as ações cotidianas das pessoas. E esse processo é constante. Perceber a sensibilidade e re-significar constantemente o universo que nos rodeia.

A arte da dança é sempre uma troca, seja ela de sensações com o ambiente, ou mesmo de significações entre dois ou mais sujeitos. A dança se torna um exercício de percepção do universo no qual estou inserido e ao mesmo tempo apresenta uma contradição, pois não se resume ao universo corpóreo visível, abrindo espaço para um outro exercício, o da abstração. Para Laban (1990, p.140) “o objeto artístico é sempre uma concretização do conceito, o desvelamento de um caso particular e único que jaz subsumido na generalidade de uma idéia ou abstração.”

A dança nos traz a possibilidade de ser ou não linear, nos dá a liberdade poética de não fazer sentido algum e ao mesmo tempo conter em si todas as significações possíveis. “A dança não conta uma história [...] como o mito, a dança é um indicador de transcendência. [...] Pela dança, o corpo deixa de ser uma coisa para tornar-se uma interrogação” (GARAUDY, 1980 p. 23).

Interrogação essa que suscita múltiplas respostas admite todas e ao mesmo tempo nenhuma, pois o artesão do corpo nunca trabalha para si, e ao focar sua produção no olhar do outro, os resultados serão sempre imprevisíveis. É impossível precisar o efeito que uma determinada construção dançante provocará naquele que a enfrenta/aprecia, portanto, o criador/intérprete deve estar sempre preparado para enfrentar o inusitado.

Toda a dança implica participação; mesmo quando ela é espetáculo, não é apenas com os olhos que a ‘acompanhamos’, mas com os movimentos pelo menos esboçados de nosso próprio corpo. A dança mobiliza de algum modo, um certo sentido, pelo qual temos consciência da posição e da tensão de nossos músculos. (GARAUDY, 1980, p. 20-21)

Esse sentido nada mais é do que a base para a interrogação da qual falei acima. Na passagem do corpo mecânico para o corpo linguagem expressiva é que o sujeito se re-descobre, ele não é mais aquele ser somente pensante, mas sim um corpo que constrói conhecimento e re-significa saberes.

A expressão e a criação no nível do corpo são próprias do ser humano, qualquer que seja seu estágio cultural ou sua condição física. (FUX, 1983) O sujeito que se re-descobre torna-se livre para expressar com seu corpo em unidade.

Tudo passa a ser motivo para uma dança que o signifique, é um outro exercício de percepção, a revisão constante de tudo aquilo outrora visto, pois ao modificar-se uma variável, mil novas possibilidades de significação se apresentam e um sem fim de novos trabalhos se justificam.

Durante a leitura dos memoriais, destaquei algumas possíveis categorias de análise e pude perceber que o discurso das meninas acabava por sintetizar algumas observações que descrevi em meu diário de campo.

Surgiram diversas categorias, elas falam de *expressão* “pude expressar toda minha alegria” (Memorial Descritivo de Ana, maio de 2009), do prazer de expressar-se, ideia que se coaduna com o postulado que nos oferta Fux (1980, p.83) ao dizer que “a necessidade de expressar-se é patrimônio do ser humano”.

“Tudo começa com um carinho todo especial pela expressão” (Memorial Descritivo de Leonardo, maio 2009). Através da dança as meninas se esforçam para suprir suas necessidades de movimento que, como nos diz Fux (1983), fazem parte da pessoa e “quanto mais seja ajudada a expressar-se, mais benefícios obterá para o resto de suas atividades em sua vida privada e social.” (FUX, 1983, p. 97).

Essa possibilidade de expressão não está restrita ao universo da dança, mas encontra nele um ambiente significativamente propício para seu desenvolvimento. Não é somente a possibilidade de expressão que marca o discurso destas *novas* bailarinas.

Acho que nunca senti coisa melhor... toda aquela ansiedade... e tudo passava tão rápido, e era tudo tão bom... simplesmente inesquecível. E depois, todas orgulhosas dos joelhos, canelas, e tudo mais onde for possível, roxo, completamente, roxo. [...] Imagina, eu toda dura, quadrada, com esses braços esquisitões, estava melhorando, e estava finalmente, DANÇANDO. (Memorial Descritivo de Tassis, maio 2009)

A autora deste fragmento iniciou no grupo procurando uma atividade física, contudo, descobriu um significado novo para a prática e para si mesma. A mesma autora acrescenta “Acho que toda menina sonha em ser bailarina, né? [...] Sei lá porque a gente abandona esses sonhos malucos de criança, mas hoje posso dizer que tornei esse sonho realidade”.

Partindo dessas passagens, um sentido de realização se observa presente. Um indivíduo que se insere no ambiente da dança em busca da satisfação de uma demanda social – mover-se – atribui à prática um significado inicialmente inesperado. “Acho que se fosse definir em uma palavra, seria realização” (Memorial de Lydia, maio 2009).

Esse sentimento de realização está presente em diversos memoriais, bem como nos grupos focais, de maneira explícita ou implícita “Eu fico feliz quando eu vejo as pessoas olhando e rindo, porque daí quando tu vê, tu te sente mais feliz ainda.” (Grupo Focal, 14.05.2009)

O sentir – vale dizer, o sentimento – manifesta-se, pois, como o solo de onde brotam as diversas ramificações da existência humana, existência que quer dizer, primordialmente, “ser com significação”. (DUARTE Jr. 2006, p. 130)

Através deste grupo de dança, as bailarinas tornam-se sujeitos de outras histórias que não as suas. Aprendendo e construindo memórias com a figura do

“outro”, que, mesmo sendo totalmente diferente do “eu”, partilha da escolha dançante e compõe um grupo que cresce junto. “Percebi a força que um grupo tem e a força que este pode nos dar... [...] O grupo me deu amizades, autoconfiança, sorrisos...” (Memorial de Ana, maio de 2009).

O grupo estabelece uma relação onde é possível “aprender cada dia algo mais para poder aproximar-me das pessoas e dar até o infinito, buscando isto que está dentro de mim e já não me pertence” (FUX, 1983 p. 138). “A dança é então um modo total de viver o mundo [...]” (GARAUDY, 1980 p.16), melhor dizendo “viver a dança e ser a dança” (Memorial Descritivo de Leonardo, maio de 2009), exigindo sacrifícios que passam a ser prazerosos a ponto de aparecerem de modo marcante em diversas falas, “Às vezes perdíamos cinco, seis horas do dia, para dançar durante quatro minutos. Quatro minutos desastrosos em algumas ocasiões, mas é sempre bom.” (Memorial Descritivo de Lígia, maio de 2009). “Adorava sair exausta, todos os dias ensaiando para o espetáculo.” (Memorial Descritivo de Paula, maio de 2009).

À medida que avancei com as leituras, pude perceber que dançar para aqueles sujeitos é a possibilidade de ser, “o que sempre teve vontade, mas teve vergonha de Ser”, de se relacionar com o outro, seja ele colega ou público, é a possibilidade de construir uma rotina dançante “é exatamente uma rotina, porque quando tu não faz aquilo ali, fica um buraco” (Grupo Focal, 14.05.2009). “Através da dança não se diz, mas se é.” (SHAWN *apud* GARAUDY, 1980 p. 73). “É isso, somos aquilo que a música dita” (Memorial Descritivo de Leonardo, maio 2009).

Enfim, só tenho a dizer que amo esse grupo e que no final deste ano quando me formar e tiver que sair da FURG e conseqüentemente do *Terpsícore* não vou só deixar amigas, lembranças, momentos, vou deixar um pedaço do meu coração. (Memorial Descritivo de Lydia, maio 2009)

Realização, expressão, sacrifício, doação, grupo, amizade, previsão de *saudade* e “*sessões de terapia*”: elenco estas categorias por serem as que emergem, mas poderia apontar uma infinidade de outras. Os memoriais relatam histórias parecidas vividas por pessoas bem diferentes que se assemelham em um objetivo, “nosso objetivo maior é manter a paixão pela dança e isso nós temos muito.” (Memorial Descritivo de Lydia, maio 2009).

Nem todas as pessoas existem no mundo de um jeito dançante, mas há tempo para modificar essa condição. Para os integrantes do grupo *Terpsícore*, dançar é transcender a dança, é fixar laços de amizade, é realizar-se e descobrir-se.

Desta forma, podemos entender que não é necessária uma iniciação precoce para que o indivíduo possa envolver-se no processo da dança, quem dança, enxerga o mundo com olhos dançantes, sem limites.

Para uma análise mais aprofundada, resolvi escolher a única categoria que se repete em todos os instrumentos de pesquisa, as “*terapias*” de grupo. “Aquele sala do CAIC é quase um consultório, quantas decepções já foram superadas naquele local! A dança pra gente é uma terapia em grupo!” (Memorial Descritivo de Lúgia, maio 2009).

Certamente as bailarinas sabem que dançar no *Terpsícore* não possui o sentido terapêutico ofertado pelo dicionário, mas acredito que a utilização desta palavra se dá na intenção de refletir a sensação de bem estar que elas experimentam ao participarem deste grupo. Esse bem estar é advindo em virtude do movimento, conforme postula Laban (1990, p. 25):

Afirmamos que a dança alivia a sensação de mal estar provocada pela repressão de movimentos do corpo que ocorre quando se põem em ação as articulações isoladas. Assinalamos que essa é uma das causas do impulso de dançar. Existe outra causa, não menos imperiosa, como a agitação geral do corpo para qual a dança oferece um escape que consiste numa série repetida de esforços simultâneos que estão delicadamente equilibrados entre si, equilíbrio que traz um prazer estético, como a disposição das cores num quadro ou a harmonia dos sons na música.

É através do grupo que essas bailarinas encontram espaço para se movimentarem, tornando o ambiente onde essa liberdade ocorre um lugar especial. O lugar especial faz com que elas se expressem e assistam a expressão do “outro”, desta forma, laços afetivos são criados. Elas encontram-se cercadas de pessoas que estão ali por um objetivo comum, sendo assim, identificam-se como iguais, fazem parte do mesmo universo onde as tensões são liberadas.

Esse convívio acaba gerando uma confiança mútua, acalmando a inquietação dos corpos, proporcionando sensações agradáveis, criando um ciclo que as fazem voltar a cada ensaio e que garante uma nova rede de amizades.

“A minha rotina mudou porque minhas amigas são vocês. [...] Eu não tenho amigas da aula e quando eu entrei na faculdade as minhas amigas eram da aula.” (Grupo Focal, 14.05.2009). Embora cada indivíduo seja único, pessoas expostas a uma mesma realidade, muitas vezes, acabam agindo de maneira semelhante.

Nas falas, as meninas não citam nome de uma ou outra bailarina no que concerne ao apoio pessoal, elas citam o grupo, a coletividade. “[...] além de dançarina, ainda lucrei fazendo amigas maravilhosas! Que às vezes chegam chorando, tristes, precisando conversar... nessas horas, parava tudo e todas ajudavam” (Memorial Descritivo de Paula, maio 2009).

Ainda que nem todas as pessoas possuam a mesma intimidade, ou empatia, elas se ajudam naquele meio onde é tudo muito intenso. “A linguagem e a ciência abreviam a realidade, a arte intensifica-a.” (DUARTE Jr., 2006 p. 140)

Durante minhas observações guardei no diário de campo alguns momentos que me levaram a crer que a importância desta coletividade é superior aos anseios pessoais das bailarinas envolvidas nessa prática. Certa vez uma das meninas, Geórgia, apareceu visivelmente chateada e disse-nos que em virtude da proximidade de sua defesa de Mestrado, depois de dois anos de convivência quase diária, não poderia mais dançar conosco.

Ela chora, dizendo que queria muito dançar [...] há um solo na coreografia que estamos montando, todas aprenderam, mas ainda não indiquei a solista, comentei que seria justo que a bailarina solista fosse à Geórgia. As meninas concordaram e ensaiaram todas juntas (inclusive a parte do solo) no último ensaio com a Geórgia presente. Abraços fortes, breves despedidas, desejos de boa sorte acompanharam a saída dela do ensaio. (Diário de Campo 21.01.2009)

Recordo-me bem que a expressão nos rostos das meninas não lembrava – mesmo de longe – desapontamento. Nenhuma bailarina do grupo havia sido solista, todas elas vinham se esforçando para merecer essa oportunidade, mesmo assim, abriram mão dela, faz parte do universo de ajuda mútua aprender a ceder com o coração tranquilo, solidário.

Em algumas ocasiões as conversas se tornam tão profundas e longas, que os ensaios acabam ficando de lado. Não importa a *performance* individual de cada menina, mas se uma delas não está bem, todas dividem o problema. “A maior função da dança é a de ajudar o homem a formar um conceito mais nobre de si próprio” (SAINT-DENIS *apud* GARAUDY 1980, p. 75).

Mesmo quando não estão dançando, os laços criados no espaço particular - onde estes corpos são livres - fazem com que o impulso do grupo seja harmônico. Se não há harmonia, há um esforço coletivo para que aquela que não está bem possa desabafar até que se sinta melhor, até que se enxergue de forma positiva.

Hoje eu estava muito triste em virtude de uns problemas pessoais. A Gisele foi a primeira a chegar. Eu falei de meus problemas, Gisele me ouviu e também queixou-se dos dela. A Ana chegou e já se sentou queixando-se dos seus. A Lígia foi a última a chegar e já entrou no assunto falando de si. Uma hora e meia de assunto e Gisele disse que precisava ir. A Ana disse 'eu queria ter dançado', Lígia disse 'eu também queria dançar para me sentir melhor, mas desabafar já foi bom'. A reunião do "grupo de dança" não falou em dança mais que dois minutos. (Diário de Campo 16.02.2009).

O movimento torna-se, então, uma espécie de guia do bem-estar, fazendo deste simples ato de dançar um vício saudável. "Quando o corpo pode encontrar-se com ideias próprias, estimuladas orgânica e sensivelmente, tem a unidade e compreensão frente ao tempo." (FUX, 1983 p. 64) Esta *unidade e compreensão* se estabelecem de modo a auxiliar o desenvolvimento particular do indivíduo e também o habilitam a ajudar o outro, dividindo frustrações e multiplicando realizações quando inserido em uma rede de iguais, de corpos igualmente abertos a receber e re-significar a teia de emoções da qual a vida é geradora.

Naquele tempo em que me constituí pesquisadora, percebi que estudar o familiar às vezes é muito mais complexo do que se possa imaginar. Traduzir em palavras acontecimentos e condutas que, de um modo especial, ajudei a moldar, tendo participação nos erros e acertos.

Na realidade, este trabalho foi feito na esperança de mostrar ao público um pouco da magia que circula por entre os bastidores, um pouco dos sorrisos, dos abraços, das conquistas, das mudanças e de tudo aquilo que fará falta para todas àquelas que viveram *Terpsícore*.

O movimento foi guia, fez destas meninas a forma mais humana do que se conhece por superação. O movimento expressivo foi a chave para a dança, para a metamorfose ocorrida naquelas meninas que ousaram descobrir-se *bailarinas*.

Mover-se faz com que o indivíduo redescubra seu corpo, seu ser, sua vida. A partir do movimento, sua percepção do mundo passa a ter olhos dançantes e o universo é resignificado.

A dança contemporânea nos permite a liberdade de estender esse processo de resignificação do mundo a todo e qualquer corpo, independentemente da sua idade ou condição física. A partir de sua forma livre, qualquer indivíduo pode tornar-se um bailarino contemporâneo, *sem limites de idade*, gênero ou qualidade técnico-expressiva. Tudo pode ser trabalhado, visto que os movimentos da dança contemporânea podem se assemelhar àqueles executados no exercício das tarefas diárias.

As mudanças que se dão ao longo do processo de envolvimento com a dança são perceptíveis àqueles que acompanham seu dia a dia, contudo, descrevê-las é uma tarefa difícil. Na tentativa de compartilhar esta mutação, após triangular os resultados da coleta com o referencial teórico, digo que o autoconhecimento de um corpo que dança abre as portas para um universo sensível que o ritmo da sociedade moderna deixou de lado.

Acredito que esta é a maior importância da presente pesquisa, a constatação de que através da liberdade de movimento ofertada pela dança, os indivíduos percebem novas possibilidades de relacionamento consigo mesmos e com o mundo.

Após as leituras, podemos dizer que nem todos existem de um modo dançante, mas todos podem envolver-se como seres que compartilham a experiência viva da dança. Enquanto o processo se configura, os *novos* bailarinos estão em busca de uma consciência corporal. Essa consciência garante um amadurecimento concernente não só a técnica da dança, mas também ao sujeito que se transforma.

Através do registro das bailarinas, foi possível identificar que para elas a mudança pessoal também foi perceptível, elas se consideram sujeitos diferentes depois do contato com a dança através deste grupo específico citando, inclusive, que não se imaginam dançando em outro lugar.

Neste grupo, todas estavam expostas como iguais, com os olhos cuidadosos de quem cresce junto. As bailarinas iniciam na dança, pela dança pura e simples, entretanto, nesse meio tempo, descobrem uma nova forma de ver e significar a vida. Em consequência da dança se formam laços, lembranças, vivências que passam a constituir a história de movimento, porque não dizer, de vida, destas adultas que descobriram na dança uma nova forma de viver o mundo.



Figura 9 - Dança solo "Ribalta". Foto: Cláudio Etges, 2010.

3. REFLEXÕES EM MOVIMENTO DE DANÇA: a constituição da educadora ambiental

Nesse tempo em que me constituía pesquisadora, procurava entre os rizomas uma Educação Ambiental para me apaixonar, uma teoria que olhasse com carinho para a unidade dos homens. Para além das divisões corporais hierárquicas, na qual a esperança sonhadora encontrasse um abrigo. Nos entremeios desta busca, encontrei a Educação Holística.

Falar em Educação Ambiental Holística (EAH) é um contrassenso, visto que para considerarmos uma forma de pensar educação como sendo *holística*, certamente será também ambiental.

Paradoxos linguísticos a parte, refletir sobre EAH é perceber a questão ambiental com um outro corpo. No sentido de outro entendimento.



A Educação holística abarca consigo todo um ideal de totalidade. Começa a se desenhar em meados do século passado e apresenta uma alternativa reflexiva frente ao hegemônico paradigma newtoniano-cartesiano.

Ao invés de tentarmos explicar a natureza através de leis universais, partimos do ideal de que a realidade é na verdade múltipla, complexa e indeterminada; todos os fenômenos da vida são, de algum modo, interdependentes; ciência e espiritualidade podem manter um diálogo amistoso; é possível habitar esse universo de modo mais orgânico e integral.

Abandonamos a aparente certeza fornecida por um paradigma científico duro em troca da possibilidade de pertencer a uma totalidade, de entender o mundo como a morada de nossos

Figura 10 - Silhueta em ensaio do projeto *Terpsícore* para o espetáculo "Sobre poemas, órbitas e mulheres".
Foto: Toni Rabello, 2010.

pares, nos percebendo como parte de um sistema mais complexo, o qual representamos e construímos simultaneamente.

De forma alguma existe a pretensão de abrir mão da individualidade que carregamos enquanto sujeitos, em verdade, é respeitando essa tal individualidade que conseguiremos dialogar para construir o entendimento de que o individual é somente uma esfera, ao invés de A esfera.

É preciso se lançar a refletir sobre essa mudança de pensamento. Nossa sociedade aparentemente vem percebendo que a atual forma de entender o mundo não dá conta de explicar diversos fenômenos que temos presenciado nas últimas décadas.

Algumas verdades absolutas foram e continuam sendo postas à prova quase que diariamente e uma sensação de estranhamento toma corpo junto a uma série de estudiosos que cansaram de lixar as arestas de suas reflexões para encaixá-las em teorias que não expressam sua complexidade.

Físicos, psicólogos, educadores, biólogos e outros tantos têm dedicado boa parte de seu tempo para tecer entendimentos acerca do *holismo*. De qualquer forma, não há uma teoria única universalmente aceita, há sim um movimento sincrético, com vistas a aproximar tendências na medida em que possam ser conciliadas, por entender que estas nada mais são além de facetas de uma mesma realidade (YUS, 2000).

A EAH não visa somente formar apenas educandos conscientes e críticos de suas realidades, mas ir além, possibilitando uma educação pela consciência da totalidade, pensando em uma educação que abarque o corpo, a criatividade, a espiritualidade, a democracia, a comunidade; enfim, as mais diversas multiplicidades trabalhando em conjunto com vistas a uma educação do impossível.

Coloco desta forma – um tanto pessimista – visto que o sistema de ensino formal hegemônico não possibilita pensar a educação de forma holística. Sendo assim, resta aos espaços não formais de educação a responsabilidade de fortalecer as tendências com vistas a reconstruir uma sociedade ecológica, menos dicotômica e segmentária, mais justa e ambientalmente correta.

Fazendo um exercício de reflexão busco-me perdida nas teias do tempo. Busco o ponto zero desta jornada que persegue a transcendência, em busca de pertencimento que me conduz nessas bravas águas ambientais.

Quem me trouxe pela mão até o centro das discussões ambientais foi a dança. Foi a sensação de incompletude durante a realização de um sonho dinâmico posto para ser sentido e tão apto a abrigar a completude. Pois outrora tudo me parecia demasiado falso.

Dentro das escolas nas quais estudei, a dança resumia-se a um conjunto de passos ritmados, incompleta, excludente, fria e por vezes injusta. Eu precisava entender o porquê a dança me despertava reações tão antagônicas de alegria e tristeza profunda.

Questionava-me acerca de como era possível transformar um movimento tão completo e integrador, em algo excludente e seletivo. Dançar era bom demais, fazia com que eu me sentisse livre e ao mesmo tempo presa ao método de arestas praticado em meio a quatro paredes frias de um estúdio de dança.

Dançar era brincar de um não-eu onde o pensamento se desliga e o corpo se confunde com o próprio vento, era um impulso para gravar uma impressão de movimento em cada espaço tocado por estes pés que tantas vezes se transformaram em coração.

Não havia espaço para essa vivência integradora senão apenas em uma sombra aleijada e competitiva que pairava sobre as escolas de dança que conheci. Até aquele momento eu nunca havia pensado sobre Educação Ambiental, em verdade tinha a visão verde da Educação Ambiental muito ligada a Ecologia, sem sequer imaginar que seu cerne estava tão próximo da dança que eu tinha ganas de viver.

Meu contato com este universo de significados se deu através dos corpos de outros educadores ambientais que tentavam dar conta dos mesmos objetivos que hoje me colocam em movimento: multiplicar novas consciências de mundo.

Foram educadores ambientais que me chamaram a atenção a respeito do trabalho que eu realizava e chamava simplesmente de dança. Não era dança só. Dançávamos estabelecendo laços, trocando abraços, compartilhando angústias, criando novas possibilidades de entendimento de corpo, sentimento, som, movimento e gente. Descobri-me bailarina através da dança, mas descobri-me gente através da EA.

Quando dei início ao projeto de dança na FURG em 2006, meu corpo-estrutura se punha a dançar, e meus objetivos técnicos embasavam minhas escolhas de movimento. Em alguns momentos isolados, eu conseguia dançar como

o vento, muito mais ligada a motivações pessoais e emotivas do que a um estado de consciência que busca pertencer.

Refiro-me a corpo-estrutura visto que era esse o entendimento cartesiano que se projetava em mim àquela época. A partir do momento que a vida me colocou em movimento ao lado daqueles educadores ambientais, meu corpo se pôs a dançar em busca de uma unidade. Descobri meus olhos dançantes, embora o entendimento deste processo tenha se constituído em mim há muito pouco tempo.

Desde que assumi minhas ganas de dançar e produzir conhecimento sobre dança - inevitavelmente corpo – tenho me deparado com olhares de censura e acusações de não-cientificidade.

Percebi que a fragmentação com que as pessoas olham o mundo é expansiva. Algumas pessoas parecem sofrer de miopia existencial. A sensação que tenho é a de que não basta viver na contramão do orgânico, a partir de uma consciência fragmentária, elas tem a necessidade de taxar toda e qualquer diferença como algo menor e ruim, que deve e não deve ser encorajado.

É em oposição a isso que uma EAH se constrói, buscando caminhos de unidade, solidariedade e pertencimento. Em verdade, acredito que as questões ambientais são derivadas dessa visão fragmentária da realidade.

Uma ótica que prima pelo preço e não pelo valor, pelo individual em detrimento do coletivo. Penso que esse modo de encarar as situações é o que trouxe nossa civilização a esse estado dos extremos externos.

“Tudo é corpo, e nada mais; alma é apenas nome de qualquer coisa do corpo” (Zaratustra – Dos que desprezam o corpo) Essa consciência presente em Nietzsche (1994) de um corpo pleno e integral sobre todas as percepções não acompanha a dança a priori. Fala-se em consciência corporal como algo inerente a qualquer trabalho de corpo, contudo, nem sempre essa premissa corresponde à realidade.

A combinação de letras e fonemas que sopra a vida deste trabalho não tem pretensão de multiplicar formatos, como um dialeto de uma linguagem que dança. Em verdade, essas linhas traduzem a ideia de um novo trato para o ensino-vivência-aprendizagem da dança.

A percepção viva em Zaratustra corresponde a uma consciência construída através de práticas que permitam a transcendência da técnica, dos valores envolvidos no processo dançante. Enaltecer o processo, vive-lo, conduzi-lo, em uma valsa que sempre terá o ritmo estabelecido em relações aos pares.

Não existe uma sequência pedagógica única que resulte na consciência desejada, do mesmo modo que não existe uma única verdade para viver o mundo. O que proponho é rever o processo e repensar a prática de qualquer dança, para torna-la plena de consciência, de significado, de sentimento.

Mesmo o ballet clássico com sua técnica rígida e estratificada pode vir a ser Educação Ambiental, desde que as escolhas que direcionam o processo se façam tendo em vista a multiplicação de afetos e consciências. “*Tu dizes “Eu” e orgulhas-te dessa palavra. Porém, maior — coisa que tu não queres crer — é o teu corpo e a tua razão grande. Ele não diz Eu, mas: procede como Eu*” (NIETZSCHE, ZA. Dos que desprezam o corpo p.51) Não será mais o discurso que conterà a prática, mas a vivência que dispensará o discurso, pois ele poderá ser sentido em cada poro de um corpo dançante.

Esse despertar pode ocorrer a qualquer tempo. Não existe uma idade predeterminada para encontrar-se consigo. É deste encontro que surge uma percepção diferenciada do mundo que nos cerca. É desta percepção que podem surgir microintervenções para um dançar ambiental, um fazer ambiental, um tornar-se ambiente.

A dança da Educação Ambiental se faz em processo constante, através das trocas, do sentimento, do importar-se com e para algo em todo o corpo. *Tudo é corpo, e nada mais.* Dançar torna o Eu Corpo leve, em toda a simplicidade que vem entranhada nessas palavras.

Trilhar essa jornada se torna mais agradável quando os passos dados não são solitários, mas solidários. Se uma simples letra pode mudar o sentido de toda uma vida, o que não fará uma mudança de postura? A trajetória não é fácil, pois todo o voo traz consigo o medo da queda. Mas a queda instaura em si o sentido da verticalidade.

Em dança, ou melhor, em Educação Ambiental pela Dança, a horizontalidade do processo de ensino-aprendizagem facilita o desprendimento do medo e o peso nele contido. É mais fácil enfrentar o mundo aos pares. Em virtude desse entendimento digo que a jornada solitária dificilmente será plena.

Eu e Mim estão sempre em conversações incessantes. [...] Para o solitário o amigo é sempre o terceiro; o terceiro é a válvula que impede a conservação dos outros dois de se abismarem nas profundidades. (Zaratustra, do amigo)

No outro faço uma projeção distorcida do *eu*. Quando me reconheço no amigo, em seus avanços e dificuldades. Na potência dele realimento a minha, pois

ele transforma seu corpo na materialização do impossível. No decorrer desse processo alguns sonhos se tornam visíveis a olhos atentos.

Ao vislumbrar sonhos tomando corpo, revisitamos o conceito de impossível, desconstruímos barreiras e vamos construindo o caminho da plenitude, da liberdade, do voo.

Para Nietzsche, com efeito, o ar é substância mesma de nossa liberdade, a substância da alegria sobre-humana. [...] o ar nos liberta dos devaneios substanciais, íntimos, digestivos. (BACHELARD, ?? p. 136)

Um caminho aéreo, percorrido por corpos leves e atentos as sutilezas que moldam a paisagem diária do território existencial que nos cerca. Esse voo se dá em um não-tempo. Um salto sem medida, uma espécie de fenda temporal da experiência. Um não-lugar onde os instantes duram o tempo necessário para tornarem-se memoráveis, para de fato nos acontecerem. Deixando seus rastros de sorrisos, de afetos, de expansão, preenchimento e liberdade.

A Dança da Educação Ambiental nos liberta do peso tecendo uma realidade própria (ou seria irrealidade?!) à medida que as experiências vão assim surpreendendo os corpos a pouco fixos. Cada realização alimenta o espírito do grupo, o ritmo da prática.

Gosto de estabelecer relações familiares saudáveis para permitir o voo dos grupos, como dos pássaros em sua formação de “V”, onde o esforço é proporcionalmente dividido para que o bando avance junto. Nos relatos dos bailarinos-ambientais que construíram o *Terpsícore* da FURG ainda se lê “*Tia Gio*”. Pois o espírito do grupo permanece, ainda que as relações se tornem geograficamente distantes.

Uma vez desperto pela dança o espírito de liberdade, fica estabelecida uma relação que não permite retorno, como uma espécie de efeito expansivo do mito de Heráclito.



Figura 11 – Bastidores da apresentação de Retrato de Um Homem Só, por Terpsícore. Foto: Toni Rabello, 2007.

Já se passaram seis anos desde abril que deu início a todo esse processo, hoje busco a construção consciente de uma Educação Ambiental em movimento. Ativa e comprometida não só com o diagnóstico da complexa questão ambiental, mas engajada nas micro-intervenções multiplicadoras que podem ser o estopim dinâmico das novas consciências.

Agir como educadora ambiental em movimento é deslocar a atenção para os processos. Processo de tomada de consciência; de construção de uma atitude mais positiva para consigo, bem como para o micro-cosmos que nos rodeia; de reconhecimento da Natureza como um todo complexo; de descoberta de pertencimento; de construção de uma identidade ecológica.

O desencadear orgânico desses processos pode se dar das mais diversas maneiras, contudo, percebo na dança uma característica comum a todos os demais processos naturais que compõem nosso universo: o ritmo.

Desta forma, entendo que colocar-se em movimento através da dança pode ser um caminho para encontrarmos a identidade ecológica que nos apresenta enquanto parte que reconhece o todo.

A partir dessa consciência é possível vislumbrar contribuições conscientes e efetivas destes sujeitos ambientais em processo para suas relações subjetivas, sociais e ambientais.

Pensar Educação Ambiental, para mim, é pensar em movimento. É entender que as pessoas se constituem em movimento, em constante relação com outras pessoas e com o meio em que habitamos. Quando me refiro a meio ambiente, excedo a visão verde e fragmentaria desse ambiente, manifesto entendimento alinhado ao de Reigota (1991)

como o lugar determinado ou percebido onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído. (REIGOTA,1991, p. 37)

O autor nos fala de relações dinâmicas e interação, ou seja, movimento. Educação Ambiental deve considerar o meio ambiente interno e externo a nós, buscando esse dinamismo, esse eterno mover.

Neste período complexo de construção desta minha identidade ambiental, me deparei com diferentes posturas, diferentes discursos e distintas ações, de sujeitos que – assim como eu – em pouco tempo serão conhecidos como educadores ambientais.

Muitos destes estabelecem, ainda que tacitamente, uma hierarquização de saberes ambientais baseados na suposta relevância que este ou aquele entendimento apresentam frente à realidade tão pungente das catástrofes ambientais.

No entanto, fico entristecida com os colegas que classificam seus pares como intelectuais menores por defenderem esta ou aquela corrente teórica. Entendo a Educação Ambiental como um campo em construção, sendo estruturado por diferentes correntes, imperfeitas, inacabadas e, muitas vezes, formadas por inválidos do discurso.

Sem desmerecer as práticas dos intelectuais que se propõem a discutir a temática ambiental, percebo que muitos deles se constituem de discurso e por vezes se esquecem do movimento. Esquecem-se também que diferentes teorias podem coexistir dentro de um mesmo campo, se afastando e se aproximando em distintos postulados.

Entendo que existe lugar para diferentes problemáticas dentro de uma mesma área do conhecimento, e todas elas devem vir acompanhadas de um posicionamento teórico/prático que leve em consideração o instante presente. Não

podemos mudar o mundo no instante do agora, mas certamente há algo para ser feito. O processo de fazer esse algo nos coloca de volta em movimento.

Escrevo movimento no sentido físico da palavra. Movimento que une e multiplica qualidades. Em dança, utilizamos a expressão *qualidades de movimento* para significar diferentes intenções motoras ao realizar uma ação. Transformando a conotação da palavra, posso dizer que falta aos inválidos do discurso perceber as diferentes qualidades de movimento em Educação Ambiental.

Diferentes perspectivas para dialogar em busca de multiplicadores de uma educação que agrega pessoas sensíveis que acreditam na transformação dos olhares que lançamos ao mundo. Mais do que censurar, entendo que a Educação Ambiental deveria buscar unir diferentes qualidades de movimento para compor sua dança. Afinal, se todos os corpos buscassem um só movimento, não teríamos dança, teríamos LER¹.

Tenho esperança que, a partir deste trabalho, outras pessoas inquietas como eu se sintam encorajadas a buscar espaço para discutir dança e ambiente. Para resgatar o valor histórico e a perspectiva transcendente que por muito tempo acompanharam a dança como forma de conexão com a totalidade.

Não obstante, gostaria de devolver ao corpo seu papel determinante na construção do conhecimento, haja vista a complexidade dos sistemas que nos possibilitam compreender o mundo do modo como individualmente o fazemos.

Não somos intelectuais menores unicamente pelo fato de não reproduzirmos os discursos disseminados por uma ampla maioria, acredito que somos intelectuais possíveis lutando bravamente para sermos ouvidos em uma sociedade ainda marcada pela ditadura das dicotomias.

Sou então o resultado de minhas experiências, todas somadas em todos os seus reflexos. Sou eu, a *tia Gio* do Terpsícore ou a *Giolina* do Garatuja ou a bailarina que dançou toda a sua existência, tentando compartilhar a dança para além do formato, para além do sentimento, para além do meio ambiente que construo e do qual faço parte.

Antes de estar disponível para a experiência, é preciso estar disponível para si, dar-se tempo e espaço. Essa é a proposta. Mergulhar em si para descobrir como percorrer esse caminho, que apesar de individual jamais será solitário, pois vem

¹ Lesão por Esforço Repetitivo.

acompanhado de outros viajantes e suas histórias, cheiros, defeitos, qualidades, dificuldades. A dança aproxima grupos e dá-lhes potência sistêmica, pois as pessoas trazem em si o todo do grupo ao qual fazem parte.

Ao formar-me educadora física percebi que meu movimento interno se tornara novamente caótico. “[...] *é preciso ter ainda um caos dentro de si para gerar uma estrela que dança.*” (Nietzsche, 2006, p.16) Embriagada de caos estava em verdade gerando uma estrela bailarina.

No mês seguinte ao da formatura prestei seleção para professora substituta no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Rio Grande. Classifiquei-me em terceiro lugar. Não me passava pela cabeça a possibilidade de ser chamada para esta vaga, logo, eu precisava seguir em frente. Bailarinas não devem parar, precisam de movimento.

Lancei-me para novos horizontes, largando enfim o curso de Bacharelado em Direito fui tentar a vida em Porto Alegre. Contudo, afetos me seguram. Não me desliguei do Terpsícore, apenas me distanciei, segui ministrando aulas uma vez ao mês e organizando as dinâmicas de longe.

Vivenciei um sem fim de experiências na capital. Conheci outras danças (butoh, dança moderna, contato improvisação, axis sylabus...), experimentei outros pontos de vista. Trabalhei com uma trupe de circo, circulei, dei aulas de ginástica, coreografei, dancei, dancei, dancei.

Vivia o sonho de bailarina, um pé em Rio Grande, outro em Porto Alegre. Acalmei meu corpo por um tempo, até que um telefonema mudou a história toda. Aquela seleção que havia prestado lá atrás gerou seus frutos e me chamaram para preencher a vaga de professora substituta do IFRS.

Meu mundo virou de ponta a cabeça. Fiz então a escolha que me trouxe para trás destas linhas: devir professora; não mais bailarina. Salário fixo, carga horária fechada, cadernos de chamada, alunos, alunos e mais alunos. As escolhas ficaram restritas, ou isto ou isto mesmo – não mais Cecília Meireles.

Voltei, comecei novamente. Aprender a ser professora, no instituto que se construiu do antigo Colégio Técnico em que eu estudara. O mesmo prédio, os mesmos professores, a mesma equipe diretiva, agora colegas.

Percebi no decorrer das minhas aulas que aqueles adolescentes que me contavam confidências sentiam nas costas o peso da instituição, oprimindo, cerceando, reduzindo o espectro existencial de cada um deles.

Felizmente, a Educação Física na escola passou a ser organizada em forma de oficinas semestrais. Criei então a oficina de “Dança – Composição dos Afetos”. Reuníamos-nos para compor dança, sentar em círculo e dividir problemas, criar diferentes vivências, inspiradas em Ecologia Onírica.

Percebi que aqueles jovens estavam esquecendo gradativamente a importância de alimentar seus sonhos. Criamos naquela oficina um espaço propício para compartilhar. A dança era apenas um fio condutor para as vivências de afeto, de expressão, transgressão, potência.

Falamos sobre confiança enquanto experimentávamos relações dançantes de peso e contrapeso; sobre percepção quando seguimos os colegas em busca de padrões de movimento e existência; sobre paciência quando nos escutávamos todos, e diversos outros pontos de apoio que dividiam o peso daquelas duras jornadas de ensino técnico.

Enquanto “terpsicolava” nas horas vagas, planejava vivências para construir boas memórias, lia e repensava relações de ensino-aprendizagem dentro do PPGA. Na época, a psicóloga do IFRS era também minha colega da disciplina de *Ecologia Virtual Criativa*, e ela comentava que diversos alunos atendidos por ela se referiam a minha oficina como estrutura de apoio. Essa relação era visível para qualquer daqueles que vivenciassem a experiência de uma aula.

Simultaneamente a estes eventos, escrevi o projeto de extensão *Garatuja Dançada* que trazia em si a mesma proposta de *Terpsícore*, porém como veículo trazia a dança jazz, mais alegre e divertida para se construir na adolescência. Por motivos mil, o projeto só entrou em funcionamento efetivamente no ano seguinte, quando por ironia do destino o próprio *Terpsícore* encerrara suas atividades. Iniciamos as vivências no Garatuja com doze alunos.

Dançamos, criamos, viajamos, experimentamos um festival de dança em outra cidade, fizemos cursos, competimos, premiamos. Dois meses de ensaios com alunos que nunca haviam experienciado dança resultaram em uma explosão de cores e sentimentos em um palco que trazia em si a pressão de um concurso.

Ganhei alguns novos sorrisos para minha coleção. Adolescentes que se comportavam como crianças, com sorrisos tão espontâneos e verdadeiros que palavras jamais descreveriam. Seguimos em frente, tão somente, para a infinitude.

Montamos um espetáculo misturando as habilidades construídas dentro do projeto Garatuja com talentos musicais natos de alunos, além de um número de

Clown construído dentro da oficina de Circo, denominado “Uma noite para sonhar”. De doze alunos nos tornamos vinte um, depois do espetáculo somavam-se cinquenta e dois.

Nossos ensaios inicialmente aconteciam tímidos no ginásio da escola, dividindo os espaços com treinos das modalidades esportivas. Ao longo do tempo nos tornamos a grande maioria no ginásio, envolvendo inclusive alunos que apenas assistiam aos ensaios.

Nesse crescimento, precisamos lidar com um certo egoísmo por parte de alguns integrantes mais antigos que inicialmente não percebiam o quanto era importante que os colegas experimentassem um espaço para um outro existir. Mas, ao final de tudo conseguimos compartilhar no grande grupo nossos sonhos.

A dança se torna o aprendizado do voo. Faz Eu Corpo leve. Relativiza o peso. Os últimos meses do -contrato como professora do ensino médio ensinou-me muito, sobre afetos e sobre mim mesma; fizeram-me ter a certeza da escolha que fiz e que por muito tempo me foi extremamente dolorosa.

Assistir e construir junto o crescimento e o envolvimento destes alunos que são pouca coisa mais jovem do que eu, mas ao mesmo tempo tão meninos e tão sonhadores. Resgatar sonhos, apresentar outras possibilidades de enxergar a realidade e ser feliz.

Sorri e aprendi com cada conquista destes pequenos, me envolvi em cada história e estive ao lado para cada conselho ou desabafo. Vou morrer dizendo que a vida pode ser muito mais colorida do que a maioria das pessoas pensa e que “não consigo” é sempre provisório, ele só existe no curto espaço de tempo entre o sonho e a escolha da melhor estratégia para fazê-lo possível.

Eles podiam ser meus amigos, também poderiam ser meus filhos ou meus irmãos menores, mas o certo é que no fim das contas eles se tornaram muito especiais na minha vida e cada conquista deles preencheu-me com um sentimento tão profundo que nenhum aplauso no mundo seria capaz de proporcionar.

Dois anos atrás, antes de decidir fazer a seleção para o Mestrado tive que fazer uma escolha muito difícil, “ou isto ou aquilo” – já dizia Cecília Meireles, ou escolhia perseguir o sonho de ser artista, bailarina, peregrina ou voltava para minha cidade quase Natal e virava professora.

Confesso que decidi mais em virtude da situação de vida da época do que pela própria vontade do peito, no fim das contas, olho para trás e não me arrependo da escolha feita quase ao acaso.

Porque a bailarina foi em busca da Educação Ambiental, eis o questionamento do processo. Minha gana de bailarina tinha um sentido diferente daquele que movia minhas antigas colegas de dança. Eu dançava para fugir de casa, para não explodir indiferentemente do quão emocionalmente abalada eu me sentia.

Sempre tive dificuldade de contar a música, com seus quadrados tempos de oito que transformavam em matemática a homogeneidade sonora que guiava os corpos. Eu sentia a música por todo o corpo, e gostava de dançar de olhos fechados. Eu dançava para não explodir, para visitar contos de fadas e tecer uma realidade silenciosa que comunicava o mundo através do movimento.

Aventurar-me no curso de Educação Física para legitimar minha dança, para tornar meu divertimento profissão, para que não tivesse que trabalhar um dia sequer na minha vida. Porém, na Educação Física encontrei a “crítica libertadora”, conscientização dolorosa e paralisante. Não encontrei o sonho de vida, mas de qualquer modo, concluí o processo. Contudo, permaneceu em mim a lacuna da dança que sonha no corpo, em busca de uma pista que pudesse significar minha loucura.

Trazia em meu peito a memória do afeto que recebi quando bailava por *Terpsícore*, dançando ao lado de Educadores Ambientais que me deram verdadeiras lições de tolerância, solidariedade, respeito, carinho e Educação Ambiental. Ensinaram-me a dividir alegrias e tristezas, se colocaram como ávidos leitores de meus semblantes e gestos. Desvelaram minha verdade.

De fato, não encontrei a dança dos sonhos na Educação Física, mas a encontrei em *Terpsícore*, na prática de uma Educação Ambiental que não violenta, ao contrário, acolhe.

Demorei bastante tempo para perceber com clareza a evolução desse processo em minha pele, mas ao percebê-lo, procurei resgatar aquele sentimento que me transbordou outrora em potência e me fez acreditar que, apesar de todas as adversidades que enfrentamos, *Terpsícore* daria certo.

Foi através do starte desta percepção que procurei o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, com ganas de resgatar aquele sentir completo

que me impulsionou a permanecer *Terpsícore*. Eis exposta à razão pela qual me propus a construir esse Mestrado: para evitar explodir, para permanecer sonhando enquanto aproximo minha prática dançante que aprendi com os Educadores Ambientais de outrora. Procurei então o título de Mestre também motivada pelo orgulho que senti de ter auxiliado na construção de suas práticas, do mesmo modo que eles vieram a alterar a minha, permanentemente.

Alguns dos alunos-professores que dançaram comigo naquele 2006 eram também alunos do meu orientador nesta atual jornada. Coincidência cósmica. Segundo ele próprio relata, nossos alunos em comum traziam em si as experiências que vivenciávamos na dança. Ele conta que as aulas fluíam em outro ritmo quando eram precedidas de nossas práticas dançantes. A relação de escolha para esse trabalho se deu muito antes da própria consciência de vontade-de realizá-lo.

Sou hoje fruto de uma prática ambiental que começou muito antes do ingresso no PPGA e ficou aguardando seu complemento. Hoje me sinto um tanto mais completa, a ponto de transbordar minha dança da alegria, com o corpo leve.

O sonho de cada uma das pessoas que fizeram parte de minha história acompanha minha prática ambiental. Sou fruto de minhas escolhas, de minhas relações, de minha própria sorte. Sou uma contadora de histórias. Possíveis ou impossíveis de acordo com cada ponto de vista. Construimos nossas histórias baseados em escolhas simples tomadas na construção do cotidiano.

Minha prática é como minha sombra, acompanhando-me ainda que eu não perceba, do mesmo modo que acompanhava meus antigos alunos-professores. Talvez eles não saibam o quanto foram importantes para meu processo individual, em meu sentir corpo, em minha Educação Ambiental Dançante.

Junto a eles divido marcas eternas e recíprocas. Mais uma história para ser dançada, diariamente em cada passada ritmada deste corpo que dança, ainda que em silêncio, ainda que aparentemente inerte.



FIGURA 12 – Projeto Garatuja Dançada em “Inexorável Colorido no 10º” Dança Bagé.
Foto: Cláudio Etges, 2012.

3. A DANÇA DO PROCESSO

Cena I – Construindo caminhos

A dança é um modo de existir. Não apenas jogo, mas celebração, participação e não espetáculo, a dança está presa à magia e à religião, ao trabalho e a festa, ao amor e à morte.
(GARAUDY, 1980, p. 13)

Dança é ritmo e ritmo está no homem desde sua gênese, em cada molécula, cada célula, cada respiração. Meu corpo dança em silêncio, todo o tempo, mesmo que aparentemente inerte, pois o movimento dentro de mim não cessa.

Quando o corpo é entregue ao movimento orgânico - numa criatividade fluida, somos capazes de transcender nossa forma, estabelecer uma conexão dinâmica com a totalidade, alterar consciência, afetos, estado de espírito.

A dança pode vir a ser plano de imanência, se pensarmos na totalidade como caos - morada de todas as coisas, enquanto desestabilização de nossos clichês, conceitos e certezas.

O plano de imanência como abrigo das virtualidades - corte/crivo do sujeito (individual ou coletivo) sobre todas as coisas é o plano onde as informações relevantes são pinçadas do caos e transformam-se em dados, significativos e orientados de acordo com nosso crivo de sujeito, refutando então o que passa a ser verdadeiro. Parece-me apropriado pensar em olhos dançantes para um corpo livre.

Dançar em gênese é transcender em suas mais singelas formas. Convido-te agora a colocar uma música que agrade teu estado de espírito e fixar os olhos nesta página até perder o foco. Mova então os olhos rapidamente por essa página, experimente movimentar os olhos alternando círculos a linhas retas. Tome o tempo que precisar, (transcenda o tempo). O que acontece? Dança.

É simples. Dizem que as coisas mais importantes são sempre as mais simples. Existem diversas formas de dança, nem todas elas levam ao mesmo resultado.

O importante para essa conexão genuína não é a técnica empregada, mas sim o envolvimento do sujeito, de modo que uma conexão profunda com o simples movimento dos olhos pode ser tanto ou mais significativa do que uma dúzia de piruetas.

O foco nesta dança do processo não está locado na técnica da dança, mas sim no próprio processo de conduzir a dança da Educação Ambiental. De fato, o formato da dança é absolutamente variável. O processo irá se configurar a partir da

liberdade de diagnóstico do educador frente a cada novo grupo, bem como a livre abordagem da dança para despertar a sensibilidade dos sujeitos.

Em minha trajetória trabalhei dança contemporânea e jazz clássico com diferentes grupos e características bem distintas. Essas escolhas não excluem diferentes abordagens de dança, tampouco fecham o leque de possibilidades abertos através da Educação Ambiental. A dança do processo busca transcender, busca ser ela – a dança – a própria experiência, que arrebatava o corpo e imprime nele marcas eternas.

Não obstante, para além da transcendência a Dança deve conter em si coloridos traços de criatividade. Entendendo primeiramente que a criatividade aparece também no cerne do paradigma ético-estético, buscando suscitar multiplicidades.

Para além dos rótulos, os teóricos que trabalham nesse sentido apresentam uma eterna aspiração ao novo. Neste ponto, há uma aproximação entre teorias, visto que o paradigma holístico também abarca a criatividade, pois a totalidade é criativa.

Entendo que pensar em uma EA do futuro implica pensar e dar vazão à criatividade. Se pretendemos mudar o mundo - independentemente se em escala local ou global – precisaremos ser criativos. Pensar e sentir novas ideias para multiplicar todo um entendimento ambiental.

A ação do educador ambiental deve estar embriagada de criatividade, para surpreender e cativar possíveis multiplicadores nas mais diversas frentes. Criatividade para sentir ideias, compor afetos e dar a luz a algo novo. Para tanto, a EA deve refletir, teorizar e abrir espaços para o desvelamento desta potência criativa que jaz esquecida no seio de grande parte dos educadores ambientais que conheço. À medida que construo meus alicerces teóricos coloco-me em movimento para pensar uma Educação Ambiental que busca sentir ideias, ao invés de pensá-las ou possuí-las. Uma construção criativa que se desenrola em outra temporalidade, na qual o aprendizado se dê em um tempo suficiente para que se torne significativo.

A Educação Ambiental talvez se dê em um tempo Aiônico, quando há uma suspensão da temporalidade que conhecemos - no instante em que somos roubados por uma nova experiência - uma vivência do acontecimento em seu próprio ritmo.

Entendo que a criatividade é uma potência humana, presente em todos nós,

embora poucos se engajem em desenvolvê-la e exercitá-la em suas vivências diárias. Potência enquanto possibilidade universal de dar vida a algo novo, infinita e subjugada por quase toda uma civilização que cria mecanismos para frear o novo em detrimento do mais do mesmo. Potência esta que guardamos escondida em algum lugar - por vezes esquecido - dentro de nossos corpos.

A criatividade, desenvolve-se juntamente com a inteligência que foi através dela - criatividade - que, nos primórdios da existência permitiu ao homem desenvolver a capacidade de criar objetos. Sentindo dessa forma, foi através da criatividade que nos humanizamos.

Construo o entendimento de que a criatividade não está restrita ao território das artes, mas sim, está imersa na teia de nosso cotidiano, podendo ser o diferencial na resolução de conflitos, tornando-se uma espécie de antídoto natural para o pessimismo que parece abater toda uma geração.

Compreendendo a criatividade enquanto potência humana e podemos perceber a potencialidade de desenvolvimento desta capacidade, assim como outras capacidades físicas. Da mesma forma que podemos nos exercitar para ficarmos mais fortes, mais velozes, mais resistentes, podemos nos tornar cada vez mais criativos.

Criatividade e imaginação estão sempre de mãos dadas. Por conseguinte, nossa criatividade - tal qual nossa imaginação - não tem limites. Somos senhores de uma capacidade ilimitada de reinventar o mundo que nos rodeia. É por aqui que encontro o meu giz colorido, independentemente de tornarmo-nos ou não artistas de renome. A criatividade nos torna artesãos do cotidiano e, sendo assim, é uma grande aliada na jornada de ressignificação do mundo que proponho fazer através da Educação Ambiental dançante.

Estendo o movimento de pensar criatividade enquanto potência interna, então me pego pensando quais seriam as motivações que nos colocam tão distantes do ato criativo. Talvez nos tenhamos acostumado a pensar que o ato criativo deve gerar grandes feitos, portanto seria exclusividade dos gênios criadores. Contudo, entendo que o ato criativo é uma potência humana, universal.

No entanto, é uma capacidade que se apresenta no cotidiano, quando resolvemos pequenos conflitos de diferentes formas, quando nos expressamos descompromissadamente em rabiscos sobre o papel, quando inventamos pequenas mentiras para explicar atitudes inexplicáveis, assim como em diversas outras

situações quando não tolhemos nossa capacidade de criação, pois não estamos nos colocando racionalmente em busca de um estado criativo. Aliás, entendo que a criação não tem relação direta com a racionalidade.

Nietzsche (1994) nos diz que nossa racionalidade é anã, uma anã deveras inconveniente. Em nome desta racionalidade, castramos nossa capacidade criativa, desalojamos o corpo de seu lugar nos processos imagéticos, enfim, cometemos algumas atrocidades em um inútil ímpeto de conservação que busca credibilidade.

Afinal, nos acostumamos a pensar que existe uma relação fundamental entre credibilidade e racionalidade. Aqueles que não buscam esta relação são taxados como loucos.

Imersa nessa perspectiva, parto então em busca desta insanidade na tentativa de ampliar a soberania da criação até que esta tome conta do corpo como um todo. Desta forma, concebemos a possibilidade de um corpo que cria.

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. [...] O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROER, 1978 p.09)

Por que criar? Porque sim. Pois além de ser divertido, é uma forma de deixarmos pequenas marcas de originalidade pelos espaços que preenchemos durante nossa existência. Indo mais longe, proponho uma forma de anular a racionalidade e viver a experiência desregrada, ímpar, imprevisível de uma criação em plenitude: a criação livre de movimento, a expressão de uma criatividade fluida.

Parece um tanto ousado afirmar a possibilidade de suspender a razão que aprendemos a perseguir, mas o faço a partir de minha experiência empírica aliada às reflexões propostas ao longo das discussões travadas durante esta caminhada acadêmica. Quando ousamos desligar nossa racionalidade, alcançamos o estado fluxo e o fluxo é sempre embriagado de autogestão.

Nesta lógica, a prova irrefutável da suspensão da racionalidade é o fato de que a criação livre de movimento não deixa memória descritiva, apenas sensorial. A descrição em geral é prova de racionalidade.

Quando nos colocamos na experiência criadora do movimento livre, o corpo se move num sentido único. Não existe o cálculo prévio de qual movimento precede outro, ou mesmo quanto tempo durará a *performance*. Não existem certezas, nem possibilidades de repetição. Uma improvisação de movimento livre será sempre única, irrepitível, pois o foco da experiência é *Eu-Corpo* pleno, todo fluxo, suspenso

de sua racionalidade. É impossível descrever o que foi dançado, pois não há memória do movimento, mas sim da sensação de mover-se.

Desta forma - se a experiência da criatividade fluida for genuína - por mais que desejemos rememorar a sensação, este desejo será apenas motivação para uma nova experiência de fluxo, sendo impossível chegar a mesma sequência de movimentos originária.

Não faz sentido neste ponto refletir sobre o formato da dança. A liberdade que coloco e afirmo nessas linhas refere-se à escolha não planejada, a liberdade de mover-se sem projeto e sem destino, sendo o resultado da reverberação de todo o repertório de movimento já experienciado pelo corpo que dança. Trata-se de um não-pensamento, desenrolando-se através de um movimento durante a duração de um não-tempo. Aion.

Cena II - Improvisando dados dançantes

Durante a tessitura deste trabalho fui à busca de algumas falas daquelas que também sentiram nos poros a experiência Terpsícore. Consegui três relatos daquele tempo e, confesso, demorei bastante tempo para tomar a coragem necessária para lê-los.

Não sei dizer ao certo o que travou meu movimento nesse sentido. Talvez seja o fato de toda a saudade gostosa ser um tanto dolorida. No entanto, ao correr os olhos por aquelas linhas que relatavam com tanta especificidade os saltos temporais daquela época, me encontrei sorrindo – feito criança.

Ler o princípio de um relato - *“Para Tia Gio... A Educação Ambiental e a dança se misturam em minhas andanças pelo sul...”* – foi o bastante para que viajasse no tempo. “Tia Gio”, de verdade. Um grupo de mulheres possíveis chamando uma menina de tia, com um carinho que se propaga pela teia do tempo. Hoje, quase seis anos depois, ainda “Tia Gio”.

Me pego pensando que somos fruto das relações que construímos e a dança prepara terreno para que se estabeleçam relações cristalinas de afeto, que lançam o aprendizado para uma espécie de segundo plano, fazendo com que o processo ocorra de modo silencioso e orgânico.

Dançar é se expressar criar laços e construir memórias, independentemente da finalidade da dança, ela trás consigo uma escolha em relação ao teor de



Figura 12 – Projeto Garatuja Dançada em Inexorável Colorido no 10º Dança Bagé. Foto: Cláudio Etges, 2012

envolvimento de cada sujeito dançante.

A dança é um fenômeno que sempre se mostrou como expressão humana, seja em rituais, como forma de lazer ou como linguagem artística. Neste sentido, ela é uma possibilidade de expressão e também de comunicação humana que, através de diálogos corporais e verbais, viabiliza o autoconhecimento, o conhecimento sobre os outros, a expressão individual e coletiva e a comunicação entre as pessoas. (BARRETO, 2004 p. 101)

Para viver a dança em plenitude precisamos estar completamente disponíveis para o processo. Isso significa ampliar o olhar para além das quatro paredes do Studio de aulas, percebendo as relações que se colocam nas entrelinhas da ação diária.

Como um treinamento dos sentidos, a percepção transcende a técnica dançada e invade o sentimento criando familiaridade para além das aparências. Por isso o “Tia Gio” me emociona tanto tempo depois da relação estabelecida na carne. A familiaridade se mantém lado a lado com a memória.

A plenitude da dança se relaciona diretamente com a experiência. Se nos fechamos para as sutilezas e percebemos apenas a mecânica da prática perdemos a oportunidade de fazer com que algo nos aconteça. Como no conceito de experiência de Larrosa (2002) como algo que nos acontece, a dança é a própria experiência em múltiplos sentidos, desde que estejamos dispostos a abraçar seus efeitos arrebatadores.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002 p.24)

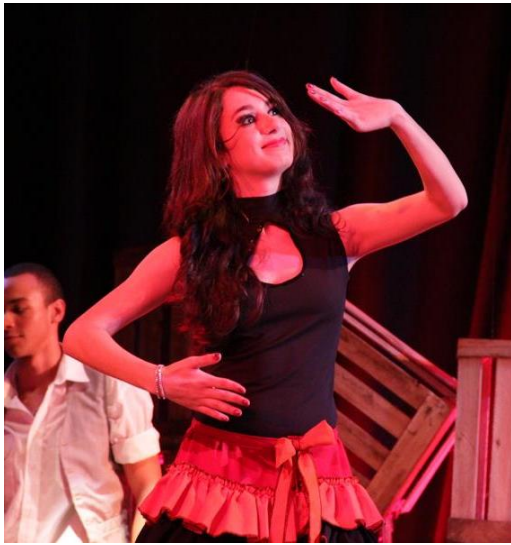


Figura 13 - integrante do projeto Garatuja Dançada na apresentação do espetáculo "What IF?" Foto: Acervo pessoal, 2012.

Lembrar daqueles tempos de Terpsícore é revisitar a experiência, mantendo o afeto e a familiaridade daquela lembrança que engana o tempo e traz consigo a sensação de que tudo o que nos aconteceu foi vivido há poucos instantes.

Esta talvez seja a característica mais latente da dança da Educação Ambiental, ela se faz silenciosa de mãos dadas com a experiência genuína. Não como um formato técnico, mas como uma estrutura afetiva das relações, que constrói aprendizados propagando o sentimento de potência, relativizando as frustrações através de um diferente entendimento de processo.

A impotência e a impossibilidade são provisórias, até o exato momento em que o corpo aprende a estratégia orgânica para vencer qualquer obstáculo. Desta forma, o impossível se torna mera questão de tempo, do tempo necessário para se reconstruir o conceito de possibilidade.

Somos filhos de uma civilização que fragmenta o corpo e hierarquiza suas partes uma sobre outra, na qual o cérebro sozinho comanda a *inteligência* e os olhos supervisionam o todo que dá forma ao mundo. Um sem fim de pessoas compartilhando uma subjetividade seriada.

Em geral não são consideradas outras formas de perceber as pessoas, os espaços, os acontecimentos e o próprio tempo. Em virtude disso, anterior à prática dinâmica que envolve o corpo que dança deve estar à disposição sincera para o novo.

Perceber as relações que se dão nas entrelinhas das silhuetas dançantes requer a suspensão de várias certezas que nos acompanham durante nosso estar no mundo. As certezas podem nos possibilitar o estar, mas somente os sonhos nos permitem Ser no mundo em plenitude.

Uma vez preparado para abandonar o correto aparente, o alicerce, o chão, é possível lançar-se às primeiras experiências de voo. Voar é romper com a

temporalidade linear, é abrir as portas da percepção sensorial que nos conduz à experiência.

Passamos a protagonizar nossos lampejos vitais de existência. Não mais os acontecimentos passam por nós, mas sim nos acontecem. Entender que diferentes dimensões temporais coexistem no universo é parte do preparo necessário para que os pés deixem o chão, pois trazem consigo a imagem de que a percepção dita a realidade e não o contrário.

O tempo da dança transcende qualquer das medições, ele abre uma fenda na temporalidade cronológica que conhecemos. O tempo da dança pode ser espetáculo, ensaio, silêncio. Não é o formato da dança que diverte o tempo, mas o fato simples de ser dança da alegria.

Quando o *Eu Corpo* acompanha o dinamismo do movimento, com alegria, o tempo muda o curso, envolve, apaixona e escorre pelos ares. Vira um tempo acelerado, eternizante, pois provoca uma marca no sujeito, memorável. Somos então co-inventores do Universo, confundimos o tempo, bagunçamos os padrões, reinventamos o caminho. O tempo na dança é surreal.

Mas nem toda a dança é música. Nem toda a alegria do corpo é uma alegria feliz. Somos corpo que se alegra com a dança transbordante. Transbordamos pela dança nossos anseios e realizações, de modo que, mesmo quando estamos tristes e devastados, o corpo alegra-se e conforta-se com o movimento que o acolhe nos braços.

Somos interrogação. Uma interrogação que dança. Abandona tuas certezas e reinventa o tempo. Uma vez que se percebe a relatividade do tempo, algumas certezas deixam de ser firmes e os sujeitos se permitem investigar.

Sobre a generalidade que alguns apontam ser realidade, parece-me como um encanto, que hipnotiza as pessoas subjugando-as para um ambiente onde nada acontece, onde sobreviver é a palavra de ordem.

A dança plena pode quebrar esse encanto, devolvendo os olhos dançantes ao corpo, fazendo com que ele volte a perceber as sutilezas da existência, resgate o poder de sonhar. É um sopro, um sopro de dança que entorpece a consciência e transforma em sentimento cada molécula que dá corpo aos homens.

O sujeito então se re-descobre através da dança, tudo passa a ser motivo para uma dança que o signifique, é um outro exercício de percepção, a revisão constante de tudo aquilo outrora visto. *Nada pode deter o criativo. Se a vida está*

cheia de alegria, a alegria alimenta o processo criativo. Se a vida está cheia de tristeza, a dor alimenta o processo criativo.(NACHMANOVITCH, 1993 p.175) O artesão do corpo está sempre a re-significar o mundo e estampá-lo em seu ser, no corpo que o constitui.

[...] por se vincular no ser consciente a um fazer intencional e cultural em busca de conteúdos significativos, a sensibilidade se transforma. Torna-se ela mesma faculdade criadora, pois incorpora um princípio configurador seletivo. Nessa integração que se dá de potencialidades individuais com possibilidades culturais, a *criatividade não seria então senão a própria sensibilidade*. O criativo do homem se daria ao nível do sensível. [...] No enfoque simultâneo do consciente, cultural e sensível, qualquer atividade em si poderia tornar-se um criar.(OSTROWER, 1978 p.17)

A criatividade seria, desta forma, uma expressão da sensibilidade. Essa é minha verdade. Um corpo que dança descobre um outro sentir, que pulsa em um diferente ritmo. Sentir ideias, afetos para em verdade construir lumens de esperança.

Não existe possibilidade de se transcrever o caminho, visto que o caminho tem o ineditismo contido em cada processo. Somos únicos em cada descoberta e é através deste existir peculiar que nos tornamos invencíveis.

Descobrimos ímpeto, coragem, clareza, materialidade. É através de nossos sonhos que imprimimos nossa marca nas teias do tempo, nos explicitamos para uma realidade que transcende o estar no mundo, abrindo espaço para a construção de um Ser para o mundo.

Uma vida sem sonho é um existir sem descoberta. O mundo é dinâmico para poder proporcionar a descoberta de novas imagens de movimento, para permitir que os sonhadores inventem novas formas de superar a si mesmos, transformando em dança o maior dos pesos.

O caminho de percepção da potência pode ser a primeira pista para entrelaçar os braços da dança e da educação Ambiental. Ele é fundamental para ambos os processos, tanto na multiplicação de uma nova consciência de mundo, quanto na construção de um artista dançarino.

Cada sujeito que ensaia seus passos de dança deve perceber a potência contida em cada movimento. Se eu consigo dançar, eu consigo enfrentar o mundo. A dança é dual. A falta da percepção sonhadora em si mesmo faz com que a dança se torne difícil, pois mascara sua facilidade.

Quando o sujeito se sente capaz de dançar, se sente capaz para enfrentar qualquer adversidade. Reside aqui o desenrolar da questão. Somos Educadores

Ambientais dançarinos quando conseguimos facilitar essa conexão do sujeito consigo, seu eu superado e potente. Multiplicador de movimento, de iniciativa de Educação Ambiental. Não o conceito, mas o movimento em si.

Devemos estar cá em uma relação de reciprocidade, eu me coloco nessas páginas a partir de minha prática enquanto projetas tua prática a partir delas.

Todo o processo dançante, seja ele coreográfico ou não, deve ser divertido. A dança do afeto requer envolvimento. Os verdadeiros sonhos, diversão e envolvimento andam juntos. Um dançarino feliz consegue envolver-se pelo processo, quanto mais envolvido ele estiver, mais fácil será a construção de conexões afetivas.

Essas, por sua vez, além de reforçarem a própria diversão, se tornam redes de apoio com as quais o sujeito passa a contar nas mais diversas situações. Desta forma, os laços afetivos se estabelecem e o grupo que dança se torna uma espécie de célula única, de apoio, reciprocidade e solidariedade.

A Educação Ambiental desperta junto com a consciência do ambiente ampliado, o qual eu construo e faço parte - o molecular e o cósmico. Quando me percebo fractal, me explico para o ambiente. Recupero a experiência, uma vez que a experimento quando criança. Tornamo-nos novas crianças, aéreas e dançarinas quando recuperamos o sonho e acordamos da generalidade. Esse processo é irreversível, é tomada de consciência, superação, multiplicação, Educação Ambiental.

Na tessitura deste trabalho me faltam palavras, não por não conhecê-las, mas simplesmente pelo fato de que jamais serão elas tão completas como o efeito de uma dança. Faltam-me palavras, porque quero dançar. Fico aqui floreando o texto para conferi-lo um pouco de ritmo, deixando meu corpo um pouco menos agitado.

Sobre o trato da aprendizagem da Educação Ambiental pela Dança posso propor-lhe caminhos. Melhor percorrê-los em grupo, embora nada afaste por completo a possibilidade de procurar sua verdade individualmente.

Contudo, trilhar sozinho será sempre percorrer apenas a metade do caminho. Divagar solitário acerca de envolvimento e pertencimento não parece correto para consigo. Outras pessoas devem figurar nessa relação, ainda que sem a percepção concreta da dimensão que o processo pode tomar.

Para ser inteiro devemos procurar ser dois, ser dualidade, o eu e o outro, o mim e o ambiente, o fractal. Sendo assim, ainda que o impulso se dê para um corpo solitário, o aprendizado do voo exige relação recíproca de aprendizado.

Pois somos então as marcas que deixamos na teia do tempo, na memória das pessoas e na dinâmica dos espaços. Somos dançarinos aéreos e para que estejamos pairando por todos os lugares precisamos da extensão projetada no corpo do outro.

Jamais serei todo o eu se não perceber o eu como outro. Não será possível sensibilizar-se com as dores do mundo se fico restrito à fortaleza terrestre que construí para o eu. Sem sensibilização somos como dança paralítica.



Figura 15– Kasue Finato e Je Nam Jum Jr integrantes do projeto Garatuja Dançada na apresentação do espetáculo “What IF?”. Foto: Acervo pessoal, 2012.

A leveza do Eu Corpo se constrói nas relações verdadeiras entre os sujeitos que buscam para si o dinamismo da dança. Independentemente do impulso que leve o potencial dançarino a iniciar o processo, o próprio movimento do afeto se encarrega de transmutar a insegurança transformando-a em potência criadora. Potência de autoimagem, de criação, de reinvenção do mundo e das relações das quais se faz parte. Dançar é se re-conhecer, no sentido de conhecer-se novamente.

O que nos faz Educadores Ambientais senão nossa prática de vida? Mais do que qualquer discurso sonoro ou texto bem escrito, é nas relações cotidianas que a Educação Ambiental encontra o terreno propício para oportunizar espaços de multiplicação.

Onde estão os Educadores Ambientais do discurso quando a esperança sonhadora se esgota? Constituir multiplicadores de uma diferente forma de significar o mundo, de estabelecer relações, de intervir positivamente no cotidiano é nossa virtude. Um Educador Ambiental do movimento jamais deve estar trabalhando, pois sua ação transcende o significado do trabalho, propondo pequenas revoluções, diárias, microinventivas, sonhadoras.

Quem são aqueles que se julgam Educadores Ambientais violentando os sujeitos respaldados pela uma consciência “ecológica” e politicamente correta, esperando que deles emane uma consciência transformadora que por vezes vem acompanhada de uma tristeza paralisante.

Não entendo qualquer postura violenta como Educação Ambiental, mas sim como terrorismo da palavra, seja ela de qualquer tipo. *Afastai-vos do caminho de todos esses intolerantes! Pesam-lhes os pés e o coração; não sabem dançar. Como a terra há de ser leve para tal gente!* (Nietzsche – Zaratustra, o homem superior)

Acredito na transformação pela dança, tornando os sujeitos leves e capazes de conceber realidades aéreas. Não qualquer dança, não sob o jugo da técnica hermética e insignificante. Mas sim, a dança do Eu Corpo, que transborda o ser em lampejos de sentimento, que unifica, expande, completa.

Para lançar-se além das palavras, trago comigo algumas experiências de dança e educação que merecem espaço para ilustrar imagetivamente esses escritos. Já tive oportunidade conduzir à dança adultos que não tinham experiências anteriores de movimento.

Essa experiência produziu marcas recíprocas em todos aqueles que se permitiram concluir o processo, incluindo eu mesma no polo oposto. Embriagada com a sensação das lembranças e dos sonhos despertos que compartilhamos, aventurei-me à sensibilização de adolescentes. Essa me foi outra experiência peculiar e inesquecível.

Quando comecei a trabalhar como professora de Educação Física no IFRS, precisava reaprender a ensinar a tal Educação Física por outros caminhos que não a dança visível. Contudo, apesar dos jogos e brincadeiras, do fenômeno esportivo e

tantos outros conteúdos, eu ainda sentia a necessidade de abrir o espaço da prática afetiva para aqueles adolescentes de vida pesada e cheia de compromissos.

Proporcionar um espaço para a alegria liberta dos movimentos, do encontro. Tratava-se então da produção singular de existência, do aceite da diferença, com Eu-Corpo livre. Apesar da produção padronizada de subjetividade que tem se assentado em nossos dias, existem formas de transgressão autênticas que clareiam margens para o desafio de descobrirmos nós mesmo.

Não posso pensar em outra prática senão a própria dança. Aquela que liberta, extravasa, transcende. Tento trabalhar com esta dança com todos aqueles alunos que de fato se aventuram nesta jornada.

Afinal, eles fazem parte de um instituto de ciência e tecnologia, onde a dança sequer aparece como possibilidade de sonho. Eu precisava desvincular a dança da obrigação formal e ofertar espaços para que eles pudessem vivenciar uma outra versão de si mesmos.

Criei então um projeto de extensão, Garatuja Dançada. Garatujas são aqueles desenhos com os quais as crianças fazem as primeiras tentativas de representar suas leituras de mundo. Garatujas Dançadas são os primeiros passos ainda hesitantes que aqueles adolescentes se permitiram durante toda a nossa jornada.

Esses *Garatujos*, como eles mesmos se chamam, foram aprendendo a desconstruir a imagem de fixidez e seriedade que acompanha o IFRS, através de sua dança. Procurei de minha parte tornar a prática divertida, para que eles percebessem aqueles breves momentos da semana como fendas no tempo em busca de diversão para todos os corpos.

Direcionei meus esforços para que a escuta do corpo fosse apurada. Cada corpo em seu ritmo, em seu dinamismo interno, com sua beleza e sua graça de movimentação.

Nos meus tempos de bailarina clássica era comum ouvir uma cruel expressão: *muitos escolhem a dança, mas a dança escolhe poucos*. Esse dito era praticamente um mântro dentro da escola onde eu estudava. Muito fui assombrada por essa perspectiva utilitarista da realidade.

Esses poucos escolhidos – dos quais falava o assombro – deveriam habitar corpos eleitos e, para tanto, precisavam atender a padrões de peso, cor de pele, altura e qualidade técnico-expressiva.

Corpos eleitos, perseguidos por jovens bailarinas cheias de sonho. Nessa época eu percebia a dança como busca da perfeição, e eu – que nunca tive corpo eleito pra dançar – perseguia esse estereótipo enlouquecidamente.

Com o passar dos anos e a vivência percebi que, para mim, a dança não era mais a busca pela perfeição e sim, a busca pelo pertencimento. Penso em dança – hoje -, em movimento, e sou tomada por um sem fim de sensações que me entusiasma.

Sinto minha dança para muito além dos palcos. Ela se traduz no modo como olho o mundo, na sutileza com que percebo seus processos, seus movimentos. Entendo-me um tanto diferente da maior parte das bailarinas que conheci, não danço pelo resultado, danço pelo processo.

Pela força vital que sinto enquanto meu corpo se move, pelo entusiasmo e ânimo decorrente de cada prática; Danço para ter acesso a esse mundo que se abre para aqueles que apreciam a dança de corpos possíveis. Uma dança que liberta, se mostrando nos lugares mais inusitados.

Minha dança não tem mais um lugar específico para se desenrolar, minha dança tem um templo: o Eu Corpo. O Eu Corpo é expansivo, atrevido, quase incontrolável. Ele não tem forma, ele é todo movimento.

O Eu Corpo surge para desvelar o entendimento da unidade. Por mais que possamos desejar relativizar os conceitos aos quais fomos apresentados ao longo de nossas vivências, essa tarefa é complexa e costuma deixar resquícios de entendimento.

Resquícios que nos pegam desprevenidos quando não emprestamos atenção integral a nossos pensamentos. Posso neste momento escrever páginas e páginas acerca dos conceitos de corpo e espírito/alma/mente ou tantos outros codinomes, sempre enfatizando que esses conceitos são partes históricas de uma unidade indissociável: o homem.

Contudo, quando eu escrever sobre corpo, ainda correrei o risco de que te percebas pensando corpo enquanto matéria. Discorro sobre conceitos arraigados para evitar apropriações equivocadas e poder apresentar-te ao Eu Corpo.

O Eu Corpo é constituído por nosso ser em unidade. Não posso separar a mente do corpo, a não ser que o transforme em ficção. O Eu Corpo é cheio de si e se manifesta para aquelas pessoas que emprestaram ao mundo olhos dançantes.

O Eu Corpo é feito de movimento, um mover-se de células, tecidos, pensamentos, sensações, organizados a partir de um ritmo interno. Esse ritmo é dança e essa dança não escolhe este ou aquele corpo.

Essa dança habita e constrói o mundo que nos rodeia. Como em uma valsa, uma mandala ou um círculo energético, que jamais para. O mundo está em constante movimento. Nós somos movimento, somos também mundo, universo, matéria: Eu Corpo.

A partir desta percepção de unidade, talvez fique mais claro o motivo que me faz crer que a dança busca pertencimento. Através dela percebo mais facilmente as relações dinâmicas que se entrelaçam na teia do universo. A dança é o passaporte de entrada que permite o reencontro do Eu Corpo com o Universo que o constituiu.

Ao Eu Corpo não interessa julgamentos, estereótipos, modelos disto ou daquilo. Ao Eu Corpo interessa a vontade, vontade de sentir. Sentir o movimento, sentir as sutilezas que compõem o universo.

O Eu Corpo é unidade em movimento, está à existência para ser arrebatado, para construir afetos, para sobrepor vontade ao conflito.

(...) se o ser humano quer se encontrar com o mundo, é necessário que reencontre a si mesmo. Sem conhecer e dar liberdade à sua natureza afetiva, poética, criadora, instintiva, sua imaginação não há como entender a fluidez e o movimento do mundo no qual deveria sentir-se inserido. (MARIN, 2006, p. 278)

Aqueles conscientes de sua unidade podem ser acusados de pintarem o mundo com giz colorido. Em verdade, encontraram-se a si mesmos no Eu Corpo e reeducaram seus olhos para enxergarem as cores brilhantes que formam as paisagens nas quais intervimos diariamente.

Este Eu Corpo que nos constitui, é constituído por nós em um movimento infinito, pois este processo de ser/estar é o que nos coloca em prontidão dinâmica frente ao mundo o qual habitamos. Somos parte e todo de um universo que se movimenta.

Pensar de forma diversa é construir para si uma espécie de ficção, onde diversas existências são segmentadas, onde o conhecimento é fragmentado e nem tudo se movimenta. Fomos habituados, ao longo de nossas vidas, a partilhar a ideia de homem em corpo e mente. Desta forma, não fragmentamos apenas a visão de homem, mas a perspectiva de toda uma realidade. Não devemos fragmentar a realidade.

Precisamos enxergar um sistema uno, onde o Eu Corpo encontre lugar entre seus pares. A integridade do ser não suporta uma realidade partilhada, aleijada de sentidos. À integridade do ser não interessa mera sobrevivência.

Para o Eu Corpo, a realidade é unidade, posta para que se desfrute do processo de fazer parte deste movimento. Em busca de um pertencimento, devemos entender a realidade integral e nos colocarmos como elo ativo deste sistema dinâmico.

Muitas pessoas passam uma vida inteira sem conhecer seu Eu Corpo. Uma vida inteira sem dança. Uma vida cinza. Uma existência por vezes utilitarista que deixa de perceber todo um universo de possibilidades.

Na busca pelo resultado, pela utilidade, instantânea se perde dos processos, deixando de perceber pequenos movimentos que coloreem nossa vida. Podemos ser senhores de diversas responsabilidades habitando um mundo estático – ainda que ficto. Contudo, ao perceber-se Eu Corpo, nos tornamos senhores de nós mesmos, e transformamos vontade em ser/estar no mundo.

Diferentes sociedades veneraram diferentes padrões de beleza. O belo não está no formato dos corpos, mas sim no formato das relações que se dão a partir dos corpos. Do eu consigo mesmo, da aceitação que leva a admiração. Desvinculando o biótipo estereotipado vendido pela mídia, estabelecendo o entendimento do corpo possível que dança suas curvas, sua felicidade, sua autoimagem melhorada.

Desconstruímos o imaginário de que a técnica é a base da dança, sem desmerecer a sua importância, mas relativizando seu papel centralizador da prática dançante. A técnica do movimento tem todo seu mérito, ajuda-nos a equilibrar-nos, a manter a unidade do conjunto, mas não transforma corpos máquina em corpos ambiente.

A técnica não conjuga afeto, não constrói a performance que encanta. Nem sempre o espetáculo tecnicamente perfeito cativa às plateias, pois para cativar é preciso identificação, e esta só é possível quando o espectador se reconhece na verdade do corpo que dança. A verdade do corpo não tem haver com sua técnica, mas com sua capacidade de superar-se, sentir-se potente, único, estrela.

Desconstruindo a técnica, trilhávamos em busca do entendimento de horizontalidade. Cada um do grupo era responsável pela unidade do conjunto, de

modo que, quando um colega apresentasse dificuldade, aquela passava a ser a dificuldade do grupo, fazendo com que todos fossem responsáveis por aquele crescimento individual, e ao mesmo tempo coletivo.

Ninguém é perfeito, esse é o postulado de partida. Não só em relação à assimilação do movimento, mas também em relação à postura de erros e acertos pelos quais margeamos nossas condutas. O respeito à diferença deve ser fundamental.

Esses valores eram lembrados a cada encontro, a cada relação entre iguais que se tornara por qualquer motivo turbulenta. Todos nós em um momento ou outro fraquejamos em alguma instância, e é função do grupo acolher e auxiliar o colega fragilizado do mesmo modo que buscamos apoio quando nos encontramos em situação análoga.

Desconstruir, divertir, solidarizar, acreditar em si e no outro, tomar a responsabilidade pelo conjunto. Passos para descobrir em si novos valores, ao mesmo tempo em que dissemina para além de si novas possibilidades. Uma vez que esta nova consciência deixa marcas no corpo.

No desenrolar destes últimos dois anos, este trabalho mudou sua imagem por diversas vezes. Sigo dizendo que a estrutura destes escritos me deixou insegura em diversos momentos.

Talvez, enquanto te transformavas dançarino das letras tenhas percebido o quão singular essa pesquisa se torna, simplesmente pelo caminho avesso como ela mesma se constitui.

Muitas sugestões me foram dadas acerca dos instrumentos que eu poderia usar para a “coleta” de dados. Não me agradava muito a ideia de *produzir* os dados enquanto escrevo acerca de minha própria prática. Este foi um dos fatores que arrastou temporalmente o encerrar destes escritos.

Pedi então que alguns alunos-professores de Terpsícore me escrevessem algumas linhas sobre o resquício dançarino que marcou suas vivências após todos esses anos, embora ainda com um certo desconforto em relação a isso. De igual sorte, a dança havia sempre me trazido as respostas que por ventura me faltassem, e eu tinha para mim que desta vez não seria diferente, como de fato não o foi.

Estes escritos são de importância considerável para que a dança em mim produzisse apenas silêncio. Foi então que percebi que os dados necessários para

ilustrar academicamente minhas danças ambientais estiveram sempre ali, ao alcance dos meus olhos.

Durante a curta temporada do espetáculo dos Garatujas do IFRS, muitas publicações espontâneas de afeto começaram a circular pela rede social “Facebook” (ANEXO 1). Na época, manifestou em mim apenas um orgulho babão que trazia consigo a certeza de “dever cumprido”.

No entanto, quando o ano se aproximava de seu término, as publicações voltaram à cena, inundando meu computador com manifestações sinceras e espontâneas dirigidas a mim e aos colegas que viveram Garatuja lado a lado. O que de fato não me surpreende, apenas complementa meu argumento.

Meses depois as manifestações seguem ocorrendo, mesmo que nosso último ensaio tenha se dado ainda no início do mês de dezembro (2012). Eles falam com suas próprias palavras um pouco de tudo aquilo que te contei nesse texto.

No auge dos seus poucos anos, frente a uma rede social na qual expõem suas vidas, eles não têm vergonha de dizer o quanto a dança mudou suas vidas. Seus afetos, seus sonhos. Eles experimentaram o palco, os festivais, e até mesmo o olho no olho à mesma linha de uma plateia portadora de necessidades especiais. Sentiram na pele o dançar para cegos e serem surpreendidos com o quão contagiante pode ser sua dança.

Eles se permitiram construir uma nova história, mais colorida, mais viva, sonhadora, dançante. Eles envolveram seus amigos, famílias, uns aos outros, e juntos saborearam uma jornada que garante um outro significado para a vida.

Doze, vinte e um, cinquenta e dois. Para aqueles que gostam de quantificar, cá estão os números de 2012. Em cinco meses chegamos a esta adesão massiva de integrantes. Sem sala para ensaiar, virando a madrugada na escola para construir cenários, escolhendo nossas músicas e sugerindo nossos passos. Dançando o entusiasmo, a esperança, o sonho. Dançando como eu, para não explodir.

Muitos bailarinos e atletas se aperfeiçoam em um determinado padrão de movimento de forma instrumental, privilegiando a plástica da execução de um gesto, negligenciando a sabedoria e consciência de seus próprios corpos. Vivem o cerne de uma existência fragmentada, construindo suas vidas como quem interpreta um personagem. Convivem diariamente com uma percepção aleijada de si mesmos, e

desconhecem os aspectos mais profundos de suas identidades, a *autogestão da unidade*. Quando o sujeito adquire consciência de seu Eu Corpo, passa a perceber as conexões ritmo-energéticas que conduzem as *escolhas de ação*. O existir no mundo é composto pelas escolhas de ação, entendidas como o conhecimento sinestésico aflorando ao lado do que até então era visto como plano racional. Não existe mais racional e emotivo, corpóreo e mental. Resolvem-se as dualidades, pois o sujeito percebe que o funcionamento de seu ser é sistêmico. Toda a conexão é múltipla, não existindo espaços para quaisquer divisões.

Nunca sei se estou planejando direito. Tento quebrar a resistência que as pessoas tem em relação ao movimento. Mover-se é natural. Fazemos isso o tempo todo. Mas o estigma do movimento perfeito bloqueia a criatividade. Estou tentando tocar diferentes entendimentos com diferentes imagens e propostas.

É incrível as diferenças de empatia que cada um tem com seu corpo em movimento. Para alguns, um movimento conduz naturalmente ao próximo, de forma fluida, sem pausas obrigatórias. Para outros, cada movimento parece uma conquista, seguida de um momento de reflexão antes do próximo passo.

FECHANDO AS CORTINAS

E num piscar de olhos, chegamos aqui. Considerações de um texto dançante que confundiu meu sentir ideias durante boa parte do processo. Nestes últimos dois anos questionei-me por diversas vezes acerca sobre como finalizaria esse processo (se é que finalizaria). Sorri e me frustrei por diversas vezes. Dancei. Menos ainda do que gostaria. Experimentei perspectivas, tentei diversas propostas e cheguei até este ponto, no qual me despeço com outra esperança. Tive a certeza de que é possível construir uma Educação Ambiental que dança. Esforcei-me a cada passo na tentativa de multiplicar essa consciência. Mudei de rumo por diversas vezes, me perdi, me encontrei, fui senhora de um sem fim de experiências. Guardei diversos sorrisos para minha coleção. Finalizar processos me provoca profunda inquietude. Costumo impregnar minhas ações de afeto e, por mais turbulenta que tenha sido esta jornada, ela cresceu comigo em meio a cada passo de minha dança. Enxergo minhas mãos e dedos conforme a imagem de um carimbo, marcando o papel com impressões que trago em meu interior. Povoei estas linhas com imagens e negra tinta. Imagens metafóricas e reais que ilustram e organizam minha trajetória. Não há como despedir-me sem o desejo de que algo de dançante tenha encontrado teu corpo. Exercita teus olhos e te permite colorir o mundo.

A Dança que descobri enquanto teorizava sobre Educação Ambiental completou em mim a grande lacuna, pois foi capaz de mostrar-me uma recompensa muito mais significativa do que o aplauso que outrora me movia. Olhos brilhantes que gravam memórias na carne. Sorrisos para uma coleção. Realização, superação, sonho, sucesso. O êxito para além da perfeição dos passos. Consciência de unidade, experiências de criatividade, diversão, solidariedade, afeto, Educação Ambiental. Superando formatos, além dos modelos.

Sendo assim, o processo dançante de redescobrir o mundo se desenrola através de alguns pontos que merecem destaque. Os sujeitos precisam estar *disponíveis para o processo* de novas descobertas, outras relações, outras danças, outros tempos, outros olhares; descobrir a *potência* de vida que trazem dentro de si, de prontidão para ler um novo mundo; *divertirem-se* no processo, pois a alegria garante o retorno, por sua vez o retorno disponibiliza novas descobertas; tomar responsabilidade pelo conjunto; envolverem-se em cada atividade enquanto constroem novas relações de afeto; desenvolverem *criatividade* para além da esfera

das artes; *desconstruírem a técnica* da dança, deslocando os valores para a intensidade da experiência para além dos formatos técnicos. Estes são apontamentos para um possível caminho que precede a construção do artesão do corpo, artista liberto ou sujeito dançante. Ao menos é partindo desses pontos que minha experiência errante e meu olhar ambiental e dançante nos orienta.

Talvez tenhas percebido que tratei meus dados improvisados de forma um tanto abstrata. Em verdade, o fiz por entender que eles falam por si. Tira tuas próprias conclusões, pois as minhas estão dançando sobre a tinta em cada traço do texto.

**Marianna Soares**

O que a dança mudou na minha vida? SIMPLEMENTE TUDO! No início, confesso que não imaginava a dimensão que esse projeto teria na minha vida louca de estudante do IF. Onde nós só pensamos racionalmente, só pensamos em passar, no fim do bimestre daqui 30 dias, dos exames em fevereiro. PERAÍ, onde eu estou? Quem sou eu? Eu realmente conheço meu corpo? A resposta era não... até MAIO! Eu realmente tinha amigos? Podia até ter, mas em maio conheci o lado das pessoas que já estavam no meu ciclo que talvez eu nunca tivesse conhecido. Cada abraço caloroso, cada risada, cada momento (alguns tristes, mas na vida temos altos e baixos), cada conselho, cada comemoração por simplesmente estarmos juntos... Agora posso afirmar que tenho amigos DE VERDADE! A dança tem esse poder! Ela conseguiu juntar pessoas totalmente diferentes, com objetivos diferentes, de cursos diferentes, com histórias diferentes, cada um com seus defeitos e qualidades! E, hoje digo com firmeza que finalmente consegui encontrar a felicidade. Muitas vezes estive cansada fisicamente, mas quando entrava naquele ginásio e ouvia: "oiiii iiiiii mari!" "é a mari!" esquecia de todos os problemas e me deixava levar pela alegria e ternura que vocês me transmitiam e vão continuar me transmitindo! Peço desculpas por grosserias ou erros que cometi e agradeço por me aceitarem como eu sou. Hoje, vendo os vídeos e as fotos e todo reconhecimento que estamos recebendo só me resta agradecer! Enfim, nem todas as palavras do mundo serão suficientes. Mas uma coisa devo afirmar: NUNCA deixarei vocês saírem da minha vida e muito menos a dança... A causa, explicação e razão por eu ser a pessoa mais realizada do mundo!

Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir publicação · 2 de Outubro às 18:37



Você, Aline Lacerda, Brenda Vieira, Karina Souza e outras 11 pessoas curtiram isso.



Gezebel Nunes Mussi cara, emocionei o.o

2 de Outubro às 18:39 · Curtir · 1



Karina Souza to chorando aqui

2 de Outubro às 20:57 · Curtir · 1



Alisson Freitas nem me fala Karina Rodrigues!!!!

2 de Outubro às 20:58 · Curtir



Ana Luiza Amaral lágrimas, muitas lágrimas

2 de Outubro às 22:58 · Curtir



Aline Lacerda AMO VOCÊS , JA TO COM SAUDADE SABIA ? amigo a gente não conhece , a gente reconhece s2

2 de Outubro às 23:30 · Curtir · 2



Escreva um comentário...

**André Luís**

"O q a dança mudou na minha vida?

Se parar para pensar, ela mudou tudo, desde o modo de pensar, o jeito de tratar as pessoas, o jeito de amar.

Descobrimos com a dança uma nova forma de amor, tanto com ela, cm atravez dela, isso é, com nossos colegas, q de inicio eram apenas colegas, agora, são amigos e amigas inseparaveis q podemos contar sempre com o apoio de ambas as partes.

Dançar é muiiiito me

lhor q se drogar, q se matar estudando para uma prova demoniaca, n q n devemos estudar, mas q ela nos ajuda a enfrentar essa crise, esse obstaculo. Essa dança tão linda, e tão a nossa cara nos faz encarar a vida de uma forma unica, sem medo de ser feliz, sem achar q começar a dançar em um local inesperado é "anormal".

EU n vivo para dançar, Eu danço para viver

N devemos deixar algo q amamos ir embora, escorregar entre nossos dedos, vamos em frente, lutemos pelo q amamos, seguremos com força, pois a dança sempre estara com vc, mesmo q vc n esteja com a dança."

Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir publicação · 2 de Outubro às 17:13



Você, Karina Rodrigues, July Araújo, Karina Souza e outras 5 pessoas curtiram isso.



**Karina Souza**

Gente, obrigada por tudooooooooooooooooooooo que vocês me proporcionaram durante esse ano! Nunca pensei que me sentiria tão parte de uma família. Obrigada, obrigada, obrigada e obrigada!! Vocês são demais! E eu realmente espero que essa família não acabe!! AMO VOCÊS!!!!!!

Curtir · Comentar · Seguir publicação · 2 de Outubro às 13:18



Karina Rodrigues, Lais Pool, Ana Luiza Amaral e outras 6 pessoas curtiram isso.





Ana Luiza Amaral

Eu estou há dias pensando no que dizer pra vocês, em como expressar o que eu tô sentindo, então espero ter encontrado as palavras certas... Primeiro eu quero muito agradecer todos os abraços apertados, os sorrisos largos, e até as lágrimas porque elas são muito importantes para o nosso crescimento.

Depois eu queria que continuar agradecendo a vocês por terem feito parte de um sonho meu, de algum tempo, que era participar de um musical coisa que sem vocês sendo quem são, sem tudo isso que eu acabei de comentar, não teria sido a mesma coisa.

Ainda tenho que agradecer o fato de que vocês mudaram meu jeito de me observar, de me enxergar, me ajudaram a perceber a beleza além do óbvio, me ajudaram a perceber o meu próprio valor, me ajudaram a me compreender um pouco mais, me ajudaram a lidar melhor com as pessoas, me ajudaram a ter um pouco mais de autoconfiança, me ajudaram a lidar melhor com o meu corpo.

Obrigada, meus anjos, por terem feito do meu Terceiro Ano o melhor de todos, o mais glamouroso, o mais alegre, o mais corrido, e O MAIS GRATIFICANTE! Obrigada por estarem lá, vivendo isso comigo! AMO VOCÊS!!!

Curtir · Comentar · Seguir publicação · 2 de Outubro às 23:18

Karina Rodrigues, André Luís, Karina Souza e outras 3 pessoas curtiram isso.





July Araújo

Gente eu não sei o que dizer. Mas eu queria muito agradecer a vocês, porque como eu já havia dito antes, eu não imaginava que faria amigos no if, e vocês conseguiram mudar isso! sem palavras do quanto vocês são especiais e significam pra mim! amo vc'sss seus lindos!

Curtir · Comentar · Seguir publicação · 2 de Outubro às 23:08

Karina Souza, Aline Lacerda e André Luís curtiram isso.



**Gabriel Lima**

1 de Outubro

Como sabem, não faço parte de nenhuma apresentação, mas faço parte da organização, e como este eu digo que nunca vi um espetáculo tão perfeito e organizado, por mais que os erros possam existir, somente como uma família conseguimos superar. E isso foi, é, e sempre será o que a família garatuja nos proporciona, vocês não sabem o prazer e a felicidade que vocês me deram neste domingo dia 30/09/2012.

Somente devo agradecer a quem fez esse dia maravilhoso ocorrer, Giovana Consorte, e Fabio Martins, sem vocês isso não existiria, obrigado realmente por existirem e por nos aturar e ajudar sempre.

Je Nam Junior, Marianna Soares, André Luís, Denner Gutierrez, Lariane Barcelos, Karina Souza, Dandara Espíndola, Leonardo Cunha, Gezebel mussi, Aline Lacerda, enfim e todos os outros Parabéns pois sem vocês não seríamos nada, obrigado, obrigado obrigado.....

Amanhã estaremos novamente para arrasar obrigado por tudo e Parabéns Família Garatuja

Curtir · Comentar



Lariane Barcelos, Gezebel Nunes Mussi, André Luís e outras 5 pessoas curtiram isso.

**Gabriel Lima** Não sei o que houve mas (a aline e a gezebel nao ficaram azuis aletras acima), mesmo assim coloquei

1 de Outubro às 00:13 · Curtir

**Aline Lacerda** Seuuuu lindo , somos uma família pra seeeeeeeeeempre !

1 de Outubro às 00:13 · Curtir · 1

**Je Nam Junior** Aline, Gezebel pronto :B

1 de Outubro às 00:14 · Curtir · 2

**Gabriel Lima** vlw Je Nam Junior

1 de Outubro às 00:15 · Curtir

**Gabriel Lima** e desculpa não por todos os nomes, mas todos são importantes na minha vida e nunca esquecerei vocês...

1 de Outubro às 00:16 · Curtir · 1

**Je Nam Junior** eu que tenho que te agradecer por todo apoio e auxilio que vc nos deu, assim como o Orlando

1 de Outubro às 00:16 · Curtir · 3

**Gabriel Lima** vlw ,e não posso esquecer da ajuda do Orlando Noda, vlw por tudo

1 de Outubro às 00:18 · Curtir · 1

**Giovana Consorte** Enchi os olhos de água agora! O Fabio lino tb.. => Obrigada por construir essa história com a gente. Bjão

1 de Outubro às 11:57 · Curtir · 1



Escreva um comentário...

Pesquise pessoas, locais e coisas



Je Nam Junior

Não sou bom com palavras, muito menos quando são pra expressar coisas tão grandiosas. Só digo que todos foram incríveis, não imaginava que o que me era só um projeto de extensão pode ter sido tão maravilhoso como foi todo esse tempo, principalmente hoje. Giovana, saiba que vou precisar de muito tempo pra conseguir recompensar a oportunidade, a paciência, a perseverança, o sentimento e toda a confiança que vc colocou na gente, realmente me senti em uma família. Agora é recuperar o fôlego pq aquele teatro ta pedindo outro show amanhã.. Amo vcs! *-*

Curtir · Comentar · Seguir (desfazer) publicação · 1 de outubro de 2012 às 00:25



Gezibel Nunes Mussi, André Luís, Karina Souza e outras 13 pessoas curtiram isso.



Visualizado por 40



Karina Souza tá pedindo e vai ser demaiisssssssss

1 de outubro de 2012 às 00:54 · Curtir · 1



Marianna Soares amo vocês!

1 de outubro de 2012 às 01:08 · Curtir



Giovana Consorte Lindoooo! Vai ser perfeito!

1 de outubro de 2012 às 12:58 · Curtir · 1



Gezibel Nunes Mussi Owwwnt seu liindo *o*

1 de outubro de 2012 às 15:19 · Curtir



Escreva um comentário...



Denner Gutierres

Uma coisa para dizer: P.E.R.F.E.I.T.O!!!!

Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir publicação · 30 de setembro de 2012 às 23:40



Você, Gezibel Nunes Mussi, André Luís, Karina Souza e outras 7 pessoas curtiram isso.



Visualizado por 40



Escreva um comentário...



Pesquise pessoas, locais e coisas



Denner Gutierrez

Fotos apenas registram para os que não foram o que fizemos,mas onde realmente ficará guardado será em nossos corações,cada almoço que eu perdi,cada tombo que levei,cada grito que eu dei,cada segundo que eu passei valeu a pena,eu não tenho palavras para descrever,a ciencia deveria provar isso,pois não existe explicação para saber como me aproximei de tantas pessoas,em tão pouco tempo #FamiliaGaratuja para sempre e só de pensar,que minha vida voltará a rotina ja perde a graça porque mesmo com a dor ao se alongar,ver as pessoas aplaudindo em pé é a sensação que prova que cada dor valeu a pena.
Amo vocês =3/momento fofo me amem,preciso de uma namorada tmb,contato pff -N

Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir publicação · 2 de outubro de 2012 às 01:48



Você, André Luís, Karina Souza, Marianna Soares e



Visualizado por 40

outras 9 pessoas curtiram isso.



Ana Luiza Amaral Toda vão querer namorar o menino das pernas de pau, Denner Gutierrez! E nós já te amamos! 😊

2 de outubro de 2012 às 01:51 · Curtir · 🔄 2



Ana Luiza Amaral Eu também tinha escrito um texto beem lindo só que a página recarregou sem querer e eu me fiquei com preguiça de escrever de novo! Prefiro falar com vocês pessoalmente 😊 Ah, AMO VOCÊS!! :

2 de outubro de 2012 às 01:53 · Editado · Curtir · 🔄 1



Marianna Soares VEM NI MIM, DENUXO! TE AMAMOSSSS@

2 de outubro de 2012 às 01:53 · Curtir · 🔄 2



Marianna Soares !*

2 de outubro de 2012 às 01:53 · Curtir



Alisson Freitas HAHHAHAHAHA, MORRI com o comentário da Marianna Soares!!!!!!!

2 de outubro de 2012 às 22:00 · Curtir · 🔄 2



Escreva um comentário...



Marianna Soares

17 de dezembro de 2012

E o melhor de 2012 foi DANÇAR!

Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir (desfazer) publicação ·
Compartilhar

Você, Karina Souza, Aline Lacerda, Je Nam Junior e outras
11 pessoas curtiram isso.



Giovana Consorte Lindaaaa!

17 de dezembro de 2012 às 23:37 · Curtir



Escreva um comentário...

Patrocinado

Criar um anúncio

Novo Peep Toe Lara Costa



Fique na moda você também! Novo Lara
Costa por apenas R\$94,99 com Frete
Grátis. Confira!

Thamires Coelho Botelho curtiu Passarela Calçados.

Sei que estruturalmente essas linhas transparecem algo de caótico, talvez tal fato se dê em virtude de ser este texto a imagem da estrela, uma estrela bailarina. Convidei-te a perceber o mundo com olhos dançantes. Convidei-te a dançar, a compartilhar o nascimento de uma nova proposta multiplicadora. Todo o texto é construção imagética, sonhadora. Construimos juntos um entendimento dançante para muito além destas linhas.

Durante a realização deste mestrado, aprendi muito sobre sonhos, persistência e esperança. Várias vezes me peguei pensando como dar seguimento a esta proposta e aproveitar a possibilidade de sensibilização que a dança arte é capaz de provocar para fazer dela uma Educação Ambiental leve, em movimento.

Passei então a sonhar com um lugar onde todos os sonhos fossem possíveis, onde as crianças pudessem ter contato com uma dança da alegria e, não obstante, onde essa possibilidade pudesse se estender para o campo das outras artes. Sonhei com um espaço onde a arte não tivesse fronteiras, onde artistas de diferentes linguagens estivessem olhando juntos para uma mesma direção, colorindo realidades e resgatando sonhos possíveis.

Pensei em movimento: de dança, de gente, de energia. Pensei em amigos, bons momentos, boas lembranças. Um lugar onde pudéssemos criar sem medos, onde a dança revelasse outros significados. Pesquei em mim a imagem de um moinho girando, e abastecendo as pessoas de possibilidades.

Passei então a planejar em sonho esse espaço, cada detalhe da engrenagem do meu moinho, enquanto o mestrado seguia seu curso. Em sala de aula improvisei dançando conceitos de Felix Guattari. Em Montevideu montei ciranda com educadores Ambientais, fui devir passarinho com uma câmera na mão. Somando-se cada experiência positiva, fui me percebendo cada vez mais potente e sempre que experimentava essa sensação, trazia meu moinho um pouco mais perto da minha realidade.

Foram dois anos construindo o mestrado e também dois anos planejando *Le Moulin*², meu moinho das artes, da esperança, do sonho, da Educação Ambiental. Moinhos fazem parte de boas histórias, se transformam em gigantes lutadores e abrigam grandes amores. Moinhos mudam o ambiente, geram novas energias. Sempre em movimento. Sem referência a nenhuma arte em específico, somente o moinho girando, girando com os novos ventos que chegam. Um sopro de arte.

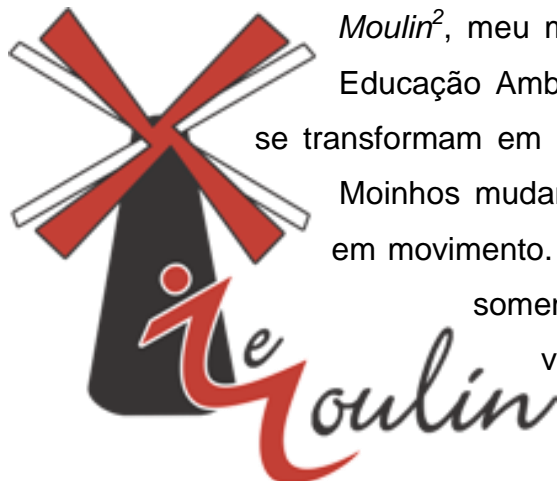


Figura 16 – Logotipo da Estação Cultural *Le Moulin* criada em 2013
Por Daniela Ricarte.

Entrego esse texto às vésperas da inauguração do meu sonho impossível, que durante a jornada foi também se tornando o sonho de outros. Hoje somos um

² Le Moulin, do francês *O Moinho*.

coletivo de sonhadores construindo nossa célula de mudança, nosso moinho ambiental, nossa revolução aérea.

O Moulin é um lugar das possibilidades, onde a palavra felicidade ganha um novo sentido. Está posta a continuidade deste trabalho, pois na estrutura do Moulin estão contidas todas as experiências significativas que me constituíram como sou hoje. Todos os abraços Terpsícore, todos os sorrisos Garatuja e todos os sonhos os quais sonhei ou ajudei a construir.

Bons ventos nos fazem girar, bons ares nos fazem sonhar, e o melhor da história toda, é jamais trilhar sozinho

REFERÊNCIAS

A DANÇARINA E O LADRÃO. Produção de Fernando Trueba. Espanha: Producciones Cinematográficas S.A., 2009.127 minutos.

ÁGUA DAS ORIGENS. Produção de André Meyer. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 15 minutos.

BACHELARD, G. *A Dialética da Duração*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARRETO, D. *Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola*. Campinas: Autores Associados, 2004.

BOHM, David. *Ordem Implícita e Conexões Não locais*. Omni Magazine. New York, 1987. Entrevista concedida a David Peat e John Briggs. Disponível em <<http://www.f davidpeat.com/interviews/bohm.htm>> Acesso em 24/06/2012

DUARTE Jr. João Francisco. *O Sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível*. 4.ed. Curitiba: Unificado, 2006.

FUX, M. *Dança, Experiência de Vida* .3ed. São Paulo: Summus, 1983.

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fortuna, 1980

KUNZ, E. *Transformação didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

LABAN, Rudolph. *Dança Educativa Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *In: Revista Brasileira de Educação*, 2002.

MARIN, Andrea Aparecida. *A Educação Ambiental Nos Caminhos Da Sensibilidade Estética*. In *Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG*, 31 (2): 277-290, jul./dez. 2006

MOLINA NETO et all. *A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 7 ed São Paulo: Bertrand Brasil LTDA, 1994)

NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser Criativo – o poder da improvisação na vida e na arte*. São Paulo: Summus, 1993.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

PINA 3D . Produção de Wim Wenders. Alemanha/França/Reino Unido: .Imovision, 2011. 103 minutos.

REIGOTA, Marcos. *Fundamentos Teóricos Para A Realização Da Educação Ambiental Popular*. In “Em Aberto”, Brasília, v. 10, n. 49, jan./mar. 1991

SARAIVA, M. C. *Imrpovisação e dança: conteúdos para a dança na educação física*. Florianópolis: UFSC, 1998.

_____. *O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação*. Revista Movimento, UFRGS, Vol. 11, No 3 (2005)

VELHO, G. Observando o Familiar. In: *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIGARELLO et all. *História do corpo: As mutações do olhar: O Século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008.

YUS, Rafael. *Educação Integral: Uma Educação Holística para o Século XXI*. Porto Alegre: Artmed 2002.

ZORBA, o Grego. Direção de Michael Cacoyannis. EUA/Grécia. Fox Home Entertainment, 1964. 142 minutos.